



3 5

RODOLPHO PAIXÃO

A INCONFIDENCIA

RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — Ouvidor 31 & 36

1896

A INCONFIDENCIA

RODOLPHO PAIXÃO

A INCONFIDENCIA

RIO DE JANEIRO
Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36
1896

AO CLUB E BATALHÃO TIRADENTES

AO MEU AMIGO E PATRICIO

EXM. SR. DR. AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA



A INCONFIDENCIA

Quanto mais reflicto 'nesta pagina luctuosa de nossa historia politica, mais me convenço de que a mallograda conjuração mineira merece ser celebrada pelos bons brazileiros.

Era Villa Rica, no fim do seculo passado, a despeito de sua pronunciada decadencia, o emporio commercial das Minas, e, por antithese não raro observada, ninho de poetas, litteratos e homens de sciencia, que a frequentavam ou 'nella residiam: os Alvarengas, ambos laureados; Thomaz Antonio Gonzaga, enamorado cantor da formosa Marilia; o insigne Claudio Manoel da Costa, quiça o primeiro sonetista da lingua portugueza, tambem consagrado pela ardente Italia, que lhe saboreava as

bellas estrophes cinzeladas no idioma dulcissimo de Dante; o grande prégador conego Luiz Vieira ; o enthusiastico dr. Maciel e outros sectarios de Apollo davam á velha capital, onde pullulam caprichosos accidentes, feição accentuadamente artistica.

Alli se discutiam e exprobravam, dia a dia, os insolitos alvarás del-rei, sempre oppressores da opulenta capitania, pasto predilecto á cubiça insaciavel do carcomido reino, que, esfalfado pelo esbanjamento dos reis prodigos, taes como o fanatico João V, precisava de ouro, de muito ouro ! para dar presentes fabulosos ao papa e galvanizar as chagas abertas pelas constantes guerras peninsulares e desastres da India.

O mineiro, altivo por indole, seja pela influencia do meio ou pelo sangue dos progenitores audazes que lhe corre nas veias, vendo de travez as exigencias immoderadas da côrte lusitana, varias vezes empunhou as armas para defender direitos pisados pelos mandatarios della —: estupidos, barbaros e tyrannicos.

Esse vezo de independencia, ferindo o coração da metropole, não lhe havia de custar pouco: assim foi ! Requintou-se a oppressão ; os impostos subiram de ponto e de vexame, tomando, como o Protêo da fabula, todas as figuras. Era elle, o filho das montanhas, um precito a quem se

fazia o enorme favor de extorquir e enthesourar as fulvas folhetas, ainda manchadas de sangue e de suor, que arrancava á avareza da terra. Que lhe restava, pois? Derrocar esse governo impolitico e despotico, que o reduzia á condição aristotelica de escravo.

A Inconfidencia consubstanciou tão nobre sentimento; foi o grito de guerra e desespero de um povo duplamente opprimido, porque era altivo e brioso, porque nascera e vivia sobre um solo exuberante de riquezas; de um povo cuja espinha não se curvava e nem se curva á imposição do poder, como o tem demonstrado categorica e brilhantemente.

Mallogrou-se o patriotico intento de encontro á perfidia de Silverio, execravel auctor de um crime que excede as penas creadas pela imaginação dantesca!

A semente, porém, germinára; a planta crescera e déra fructos fanados e temporões até 15 de Novembro de 1889, epocha em que veio um de tempo, bem formado, duradouro, mau grado aos perfidos inimigos da patria e da joven republica. Entretanto, a Inconfidencia ainda espera seu cantor; que tal não considero nenhum dos que trataram de commoventes episodios do drama ou delle fizeram Gonzaga protogonista, papel que cabe, *jure*

merito, ao ardido e generoso alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes.

Prestar-se-á o assumpto a bom drama ou tragedia que o abranja todo ; a poema capaz de vencer a prevenção, em voga,contra o genero epico? Fico que não erro, respondendo affirmativamente.

A acção não offerece copia de acontecimentos heroicos, que, levados ao cadinho de engenhos portentosos, se chrystallizem em epopéa á guisa da Illiada, Odyssea, Eneida, Lusiadas, Jerusalém Libertada ou Paraiso Perdido.

Carece da discordia no Olympo, por causa da irrequieta, ciumenta e despeitada Juno ; da colera do semi-deus Achilles ; dos duellos titaneos de Ajax, de Heitor, de Menelau, de Diomedes, de Turno ; das viagens tormentosas do astucioso Ulysses, de Eneas, de Gama ; do heroismo dos cruzados sedentos de vingança, mas ungidos de fé, e da lucta cyclopica dos anjos decahidos, que são columnas fortes de obras de tal jaez.

Mas não escasseam os lances sublimes, os episodios patheticos, e até grotescos, que elevem, animem e enriqueçam de adornos a narração.

Constituem farta messe para boa colheita : — as devassas, a prisão em Villa-Rica, com todo o seu cortejo de horrores, o suicidio ou assassinato de Claudio ? as longas viagens feitas ao peso das cor-

rentes e arrocho das algemas, a prisão na Ilha das Cobras e na cadeia velha, a leitura da sentença e recriminações dos condemnados, o martyrio, desprendimento e inaudita coragem de Xavier, o exilio, as saudades, os idylios de Dirceu, Marilia, Barbara Heliodora, etc.

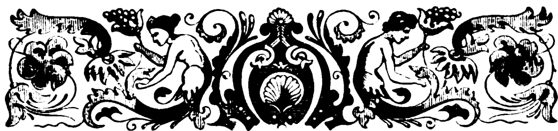
Estou a crer que se William Shakspeare, o prodigio de *Stratford — upon — Avon*, abordasse o assumpto, talhára um primor egual ao Hamlet ou Macbeth. Elle, que deu vida áquella adoravel Ophelia, tão doce! tão suave! divina em sua amorosa loucura, deslizando pela corrente com a grinalda de flores variegadas e odorosas, em que não havia violetas, porque estas, quando morreu seu pae, feneceram todas á ardencia de suas virgineas lagrimas: *I would give you some violets; but they wither'd all, when my father died;* elle, que nos guinda á região cerulea da poesia, do amor, da duvida, ante a agridoce incerteza de Romeu e Julieta ao canto da cotovia ou rouxinol; que nos faz fremir de horror ante a sombra pavorosa de Banquo, á mesa do rei ambicioso e assassino, oh! como não poria em scena a peregrina Marilia, o enamarado Dirceu, com toda a sua pungente saudade, dores e descantes?! Como não serviria o corpo esquartejado de Tiradentes, em pratos d'ouro, á louca Maria e seus convivas?!

Escaldasse-me o cerebro a flamma dos genios; gottejasse-me n'alma um pouco dessa essencia maravilhosa que os eleva ao templo augusto da Arte, onde modelam e remodelam as suas obras primas, que os proto-martyres de nossa independencia e liberdade haviam de ter cantor condigno!

Mas, como pairo na terrea morada do prosaismo, fóra, portanto, do convivio das musas, limito-me a honrar-lhes a memoria com este modesto poema, se tal nome lhe calha, bosquejo de outros que tratem a Inconfidencia em seu conjuncto, o que ainda não se fez, como bem m'o ponderou o insigne e respeitado mestre Sylvio Roméro.

As minhas constantes viagens, occupações technicas, o advento da republica, em virtude do qual administrei durante cerca de dous annos o estado de Goyaz, e trabalhos posteriores abriram o intervallo que se nota entre a composição dos seis primeiros e tres ultimos cantos do poema.





INVOCAÇÃO

Mineira musa audaz, que a magestosa altura
Do grão Basilio ergueste o encantador poema,
Tempera esta minha alma, os cantos meus depura
Na flamma em que Durão crystallizou Moema!
Intento celebrar da Inconfidencia a idéa,
O exilio, a magua, a dor, o soffrimento infando,
Que elevam seus heroes a vultos de epopéa.
Ousado sou, bem sei! os altos céos fitando:
Que importa? amor da patria alevantados genios
Não move, tão sómente, a desmedida acção.
Mutile a inveja má os versos meus, condemne-os!
Ditoso inda serei, se me extender a mão
O povo — presa vil de enthronizado Anteu,
Que eternamente o sangra e faz pender-lhe a fronte,
A' sombra do madeiro onde afinal morreu,
Da humanidade em prol, o Nazareno insonte!



CANTO I

Dourando, mais e mais, o brazileiro sonho
De espedaçar grilhões, a liberdade, alfim,
Banhára de esplendor aquelle céo risonho
Onde fulguram sóes e rebrilhou Franklin.
E já na excelsa França — a perennal vidente,
Que perfilhou Marat, mas produziu Carlota ;
Na França — ninho d'alma, estrella alvinitente,
Fanal do pensador na escurecida rota —
Apparecendo vinha um foco rubro e novo,
Que, até ás fundações, os opulentos paços
Estremecer fazia, electrizando o povo.
Da Santa Egreja Madre os santos reis collaços,
A porejar temor, cadeias refundiam ;

E o velho Portugal, ensurdecido a Oeiras,
Em vendo o despertar das gentes que o nutriam,
Mandou-lhes, cuidadoso, embarcações veleiras,
Com este aviso *bom* da maternal coroa:
« Si brames? raça vil, crueza e mais tributo!
Vermelho sangue nunca ao sangue azul enjoa,
Quando adubado bem por tyrannete astuto! »

E Minas — lar de amor, enlevação do crente,
Onde a lympha borbulha e colleando rola,
Do plenilunio ao raio inspirador, tremente;
Onde as areias dão a appetecida esmola
De uma folheta de ouro ao miserando escravo;
E Minas, cujo seio esconde bellas gemmas
Que hão de cahir ás mãos do garimpeiro navo,
E após tremeluzir em sceptros e diademas,
Foi ella — a esplendorosa, a fada dos brazis—
Que a sanha mais provou das lusitanas feras;
Porque, firmando os pés em solo de rubis,
Eleva a ousada fronte ás sideraes espheras!
O despotismo atroz, amando aspectos dubios,
Medonho se mostrou áquelle altivo porte,
No qual suppunha lêr, em caracteres rubeos,
Este dilemma audaz: « Ou liberdade ou morte! »

Governava *Barbacena*
A vasta capitania
Onde ha favos, briza amena,
Perfumes e pedraria.
Alma de fel e crueza,
Não revelava inteireza
Seu modo de justiçar:
Este nome petrifica!
Delle guarda Villa Rica
Lembrança patibular.

De quanto infeliz, panthera,
As carnes dilacerou
O teu colmilho de fera,
Que a tyrannia limou?!
Dize tu, nevado monte,
Que pendes a velha fronte
Sobre a cidade senil;
Onde vai volvendo areias,
Lavadas em mil batêas,
O pardacento Funil.

Ceruleo ninho de fadas
Em que Marilia viveu
Cantando endeixas maguadas
Do enamorado Dirceu;
De Claudio, ó musa querida,

Por quem foste engrandecida
Em versos de fino olor,
Nas carcomidas entranhas
Escripturaste as façanhas
Do fero governador!

Coração cala esta magua!
O' mente, scisma porora!
Que fôra pedir á fragua
A amenidade da aurora,
Dar claro ao negro da sombra
Da escura tela, que ensombra
O peito de quem a vê;
Não ha ether que me anime:
Em face de tanto crime,
Perdera o riso Arouet!...

Foi 'nesse lindo recanto,
De rosa e lyrio enfeitado,
Cujos primores, emtanto,
O vulgo os vê, descuidado,
Que então a divos poetas,
Depois sublimes athletas,
Formosa idéa brilhou;
Um pensamento — heroismo:
Cegueira do despotismo,
Que suffocal-o tentou!

Arbusto que tem alento
P'ra ser madeiro algum dia,
E que as rajadas do vento,
Os furacões desafia,
Hade sel-o: o molle dorso,
A pouco e pouco, de esforço
Ganhando nimia porção,
Suspende a coma frondosa,
Que já balouça, orgulhosa
Da altura da posição.

Assim — o da *Inconfidencia*,
Que amargo pranto orvalhára,
E de Maria, á *clemencia*,
Em sangue se radicára,
Subio, cresceu, e foi tanto,
Que, ao vel-o, cahiu de espanto
O chefe da lusa grei;
E a aragem da serrania,
Quando o beijava, rugia
Contra as devassas d'el-rei.

Medrou, floriu e deu fructo,
Fanado fosse elle, embora;
Mas flores tem, que reputo
Dilectas filhas da aurora;
Porque no mimo das côres,

No vivo de seus rubores
Solettro dia que vem,
A cujo brilho ha de, em breve,
A noute, leve de leve,
Passar aos mundos de além...

Rio, 1886.





CANTO II

De oitenta e oito rebrilhava a aurora
E já rugia o povo, quando, em Nimes,
A americano illustre Maia exora :
« Mira este quadro de grandeza e crimes
« Que a desenhar se atreve
« Quem pede ao Norte que o Brazil subleve.

« 'Nesse Eldorado que no Sul se ostenta
« A formosura ergueu rubineo throno ;
« As musas têm-lhe amor, que mais augmenta
« Os bellos dotes do soberbo dono :
« Incauta natureza
« Pejou-lhe o seio com fatal riqueza !

« Banham-lhe as selvas o Amazonas, (rio
« A que raivoso mar, á foz, recua
« E cede á força viva, dá desvio
« A' massa enorme contraposta á sua
« E que a vencer dispoz-se)
« O S. Francisco, o Paraná, o Doce...

« Nem Flora 'noutra parte foi mais franca,
« Nem Fauna tanto deu do que possue;
« E o reino a cuja força—aurea alavanca,
« O mais potente dos imperios rue,
« Da brazileira plaga
« O farto seio de o conter se gaba:

« Fulvas pepitas e carbonos lindos,
« Mimosas pedras, no areal immersas;
« A prata, o ferro, o cobre e outros infindos
« Metaes que têm applicações diversas
« Nas artes, sciencia ou uso,
« Jazem no feudo do monarcha luso.

« Alli balouçam palmeiraes erectos,
« A cabriuva, o cedro, a cangerana;
« Rija peroba, variegados fetos,
« Solo ubertoso de aleitar se ufana:
« Se lenhos mais encubro,
« Aponto aquelle qual brazido rubro.

« Estillam flores nas campinas cerulas
« Delicioso nectar e ambrosia;
« Enamoradas avesinhas, querulas,
« Trinam saudades ao morrer do dia:
Peito de vate exulta
« Ante os primores dessa terra inculta.

« Medram, além da procurada quina,
« Plantas repletas de vital essencia,
« Com que debella o mal a medicina,
« Essa dos homens protectora sciencia,
« Que a terrea vida alonga
« E do soffrer a duração prolonga!

« Loura graminea, cujo grato sumo
« Adoça a bocca, mas os pés algema ;
« O milho, o algodoeiro, o negro fumo,
« Que encerram mór valor que a branca gemma :
« Mil vegetaes de preço
« Na virgem plaga dos tupis conheço.

« De fructos lhe cedeu Pomona amada
« Arvoredos gentis e delles cuida ;
« Cedeu-lhe a manga saborosa e grada,
« O doce cambucá, que a semi-fluida,
« Gostosa massa esconde,
« E essa anonacea titulada — *conde.*

« Cheiroso abacaxi, myrtaceas tantas !
« Que só em lustros arrolar pudera :
« — A guabiroba, os araçás, mil plantas,
« Que, ao beijo salutar da primavera,
« Se matizam de flores,
« D'almos perfumes e nitentes côres.

« Lá geme Nyteróe a petreo amante,
« Que, dia e noute, á sua porta vela;
« E o furacão raivoso passa adiante,
« Roçando as faces da indiana bella:
« Porto melhor de abrigo
« Não topa o nauta contra o vento imigo.

« E, no entretanto, vis cadeias jungem
« O povo herdeiro do torrão edenico
« Ao lusitano carro, de onde o pugem
« Limados aguilhões, que o vate hellenico,
« Imaginoso e lhano,
« Dissêra feitos pelo deus Vulcano.

« Curvado mais que illota, humilde escravo
« Da mui famosa e já senil Lisboa,
« O brazileiro soffre e curte aggravo:
« Taes os carinhos dessa mãe — leoa,
« Que, avelhentada, brilha,
« Roubando as galas da inditosa filha!

« Rasga-lhes as veias: pois que importa o sangue
« Rubro que jorra das entranhas rotas?
« Que importa? se ella o sorve, e, quando exangue,
« A victima lhe implora algumas gottas,
  « Ensandecida e fera,
« Dentes lhe afunde de voraz panthera!

« E se, no Tejo mergulhando a vista,
« O luso rei affaga o pensamento
« De mais prender a colossal conquista,
« Ás mãos lhe vinda por ditoso evento,
  « O mandatario estulto
« Pratica a idéa redobrando o insulto.

« Ai do colono que tiver fadario
« De colera accender em taes hyenas!
« Bem como outr'ora a Brunehaut, Clothario,
« Hão de punil-o com atrozes penas:
  « Assim, villão mavorte
« De duro conde recebeu a morte.

« Não se consente alli que o nato leia
« Obra que seja da razão producto ;
« A industria morta jaz, só a batêa
« Sobre a corrente boia em usofructo
De quem ajuncta o quinto,
« De sangue, embora, se conserve tinto.

« Vôa á metropole a riqueza toda
« Que extrae, suando, o faisqueiro imbelle ;
« Elle, que as mãos calleja, o corpo enloda,
« E ao sol de fogo mais denigre a pelle,
« Nos lares seus pensando,
« Na cara esposa, no travesso bando !

« O reino até privou a mãe zelosa
« Da roca e seu tear, onde tecia
« Tão alvo panno como a nivea rosa,
« Com que de amor o fructo aqueceria :
« Iniquo privilegio,
« Quanto degradas o governo regio !

« Cadeias, pelourinhos, cadafalsos,
« Affrontas, maldicções, penas infames
« Que a lei commina contra réos *descalços*,
« Cumprir hão de fazer crueis dictames ;
« Mas, tu, manchado sceptro !
« Serás na historia pavoroso espectro !

« Basta !... que soffro cruciantes dores ;
« O fel sorvido me acidula o peito !
« Recolhe a tela de belleza e horrores
« Que te esboçára, de modesto aspeito,
« Um brazileiro ausente
« Do fofo ninho embalsamado e quente...

« Em tua fronte illuminada e bella
« Aos olhos meus sorri doce esperança :
« Alegra-te, minha alma, exora. appella !
« Pois quem da patria cuida não descança :
« Filho da Norte-America,
« Nós venceremos sem batalha homerica ! »

***

Curvado ao jugo do destino adverso,
Amor ardente consagraste, heroe,
Ao *ninho teu paterno*, ingrato berço,
Porque de tuas cinzas não se dóe!

Pulsou-te o coração á catadupa
De luz brilhante que te enchera a mente:
Que scenas festivaes Paris agrupa
Em torno de teu ser, quasi indigente!

Breve, parou-te do viver a agulha!
E nem sequer da habitação ignota
Vislumbre de esperança, uma fagulha,
Te illuminou a funeraria rota.

Pois Jefferson volvera: «Não podemos
« Romper com Portugal as relações;
« Mas, se vencerdes no combate, havemos,
« Havemos de prestar-vos adhesões!...»

Não quiz, quem sabe? a inextricavel sorte
Que preenchesses o logar sublime
Daquelle que, soffrendo ultrage e morte,
Martyr seria do falado crime.

Porém, teu nome escreve o povo justo
De Xavier ao lado e este conceito:
« Si a graça houvesses merecido, a custo,
« A exilio fôras trucidar o peito! »

Rio de Janeiro, 1886.





CANTO III

Menezes, fanfarrão de aparvalhado estylo,
Que de tregeitos foi jogral anti-economico;
Palhaço a quem devera o trovador Critillo
Os louros immortaes de seu poema comico,
Batendo, em hora boa, as agourentas azas,
Deixára em Villa Rica embryonaria idéa,
A qual haurindo força, aproveitando vasas,
Tremeluziu, depois, á acção da Paulicéa:
Precito, anjo revel, é teu fadario ou cruz,
O' patria, que estremeço, ó meu Brazil risonho,
Da liberdade ver a seductora luz,
Quando essa luz se esvai com rapidez de um sonho?!

....

Acóde, musa, acóde! a mente em flamma accesa,
E aquelle dignifica heroe leal e franco
Que de Maria esteve á exhuberante mesa
Vingando a morte vil, qual pavoroso Banquo.
Não tinha de alta estirpe a procedencia nobre,
Escudos e brazões, foraes e privilegios,
Com que de almas ruins a pustula se encobre
Por irrisão, talvez? ou desenfado regio.
Que importa do saber a academia avara
As portas não abrisse ao colossal plebeu,
Se ousado havia um peito e intelligencia clara,
Para votar á treva o horror de Prometheu?
Por isso alegre ouviu a Maciel sciente
Do incendio que lavrava em toda a Europa culta,
E palpitou á phrase: « Em nosso continente
« Um povo exalta a lei, mas outro povo insulta:
«Ao Norte—céo de anil, que a ethereo goso chama,
« Ao Sul — trevosa calma, a produzir bocejo! »
O' patrio e santo amor, ó redemptora flamma,
Que accendes n'alma estoica o varonil desejo
De alar-se, a vôo d'aguia ou de condor celerrimo,
Aonde paire a vista e o coração reviva
Da immensidade azul ao halito liberrimo,
O Tiradentes foi a tua imagem viva!
Egregio patriotismo! esse rival de heroes,
Quando morria ao labio a voz de Maciel,

Alçando a fronte augusta á região dos sóes,
Chorou ao grande Deus uns globulos de fel,
Nos quaes transparecia este aspirar ardente:
— Quebrar, quebrar de vez a algema de colono,
Subir! subir da gloria ao pedestal luzente,
Dormir sem peia aos pés o derradeiro somno!

***

De *Oitenta e Nove* o divinal poema
A humanidade oppressa quasi ouvia,
E, á enrubescida aurora, o diadema
Dos reis tyrannos o fulgor perdia,

Quando juraste tua fé suprema
A' *Liberdade, posto que tardia*,
De porta em porta, desdobrando o emblema
Que a salvação da patria resumia.

Luziu-te uma visão — foste no encalço,
E já suppunhas oscular a déa,
Beijando os labios de Silverio — o falso!

Mas, se do Christo á morte, na Judéa,
A terra estremecera e o argento salso,
A teu martyrio rebrilhou a idéa!

S. Borja, 1886.





CANTO IV

Na casa de Paula Freire
Ha mil encantos, ha mil ;
Fortuna, é pena ! se esgueire
Da nobre casa gentil :
Na bella sala espaçosa
Pousa a mobilia lustrosa
De negro jacarandá ;
E da varanda, entre-aberta,
Nunca a fragrancia deserta
Do louro maracujá.

Treme o damasco tecido
De tafetá, de setim,
No canapé retorcido
Ou no estofado coxim.
Envernizadas cadeiras

De finas rendas mineiras
Mergulham no branco mar ;
Pois, sob o froco alvacento,
Se afunde a palha do assento,
Se abysma o curvo espaldar.

As regras d'arte e do goso
Imperam ambas alli ;
Vapora vaso mimoso
Essencia de bogari.
No tecto pairam estrellas,
Azul – carmineo – amarellas,
Jorrando feixes de luz ;
E, em cada canto da sala,
Uma caçoula trescala
Aromas de Santa Cruz.

Ornam paredes nitentes
Paineis de erguido valor,
Que historias narram dolentes
Ou doces casos de amor :
— Helena murmura queixas,
Colhendo as fartas madeixas
Das mãos de Páris febril,
Que, nem vencido na lucta,
Voltou com alma incorrupta
E coração mais viril.

Saudosa do ingrato Eneas,
Que para além velejou,
Dido amorosa, que as deas
Em attractivos ganhou,
Fere o peito, onde sanguino
Brilha o punhal assassino
Que as niveas carnes rompeu;
E, sempre bella, tão bella!
Parece que a morte a ella
Mais formosura lhe deu.

Aos céos, fugindo á vergonha
De ver manchado o pudor,
Virginia sobe risonha
Nas azas de casto amor.
E tu, Lucrecia briosa,
Que foste presa inditosa
Da mais infame traição,
Já te libertas da vida,
Abrindo larga ferida
Em partes do coração!

Cobrindo a face de forte,
Augusto Cesar não vês
Vibrar-te golpe de morte
Quem mais te frue as mercês?
E tu, beldade do Egypto,

Que ás leis do imperio—granito
Foste algum tanto revel,
Vais seduzir Marco Antonio,
As velas dando a Favonio
De teu marfineo batel.

Do inferno descendo á plaga,
Pranteia Dante infeliz :
E' que seu peito inda alaga
Saudade de Beatriz !
A lyra roubando á inercia,
Camões dedilha á Nathercia
Endeixas de acerba dor ;
E Tasso occulta um gemido,
Vendo o cortejo luzido
Da enamorada Leonor.

Ha collecção deslumbrante
De telas sacras, tambem ;
Da linda Rachel amante
Ao louro deus de Belem :
— Moysés — o salvo das aguas,
Cura a Israel fundas maguas
Que lhe cavou Pharaó ;
E vai transpondo o deserto,
Andando, moroso e certo,
Caminho de Jericó.

Subindo em carro de fogo
A's regiões divinaes,
Elias, em desafogo,
Maldiz os gosos carnaes.
Com labias e cantilenas,
Dalila corta as melenas
Do mais membrudo judeu;
E a diva Esther, por ser linda,
Assenta Aman na berlinda,
Em honra de Mardocheu.

Maria, a meiga Maria,
Cosida á nefanda cruz,
Assiste á torva agonia
Do miserando Jesus;
A cujos pés Magdalena,
Chorosa á medonha pena,
Impreca a Judas malsim,
Que o mais subido thesouro
Colloca, por sacco d'ouro,
Nas mãos de um povo — Caim!

Já nos salões elegantes
Eu entro, pé ante pé,
Para escutar os gigantes
Que na victoria têm fé:
De Tiradentes avulta

A phrase quente e não culta,
Signal de peito viril;
Pede um logar onde morra,
Fugindo á terrea masmorra,
Mas libertando o Brazil!

Qual briza que, manso e manso,
Faz deslizar o batel,
Não perde vasa nem lanço
O pertinaz Maciel.
A uns e outros anima,
Dizendo: «Materia prima
Para explodir encontrei:
A guerra estale e rebrame!
Antes a morte, que, infame,
Morrer captivo d'el-rei».

Gonzaga, mimoso vime
Pendido ao ar da manhã,
Em prol da causa sublime
Não é somenos no afan:
Serena fronte de vate
Jamais se curva ou se abate
A' imposição de ninguem;
E a mão que borda um vestido,
Para o noivado querido,
Empunha a espada tambem.

Um canto em meio da arenga,
Ungido de amor e fé,
Recita o bardo Alvarenga
A' rude patria, qual é.
Mas, não te vejo, meu Claudio,
Tu, que és os mimos e o gaudio
Da terra d'ouro e rubim;
Onde divagas, agora,
Que Paula Freire perora
E faz conceitos Rolim?

Italia — a bella indolente,
Sagrou-te vate, o maior
Do novo mundo, onde ardente
O sol rebrilha melhor;
Portanto, engenho primeiro,
Não has de ser derradeiro
Na grande vindicação;
Já no calor da contenda
Escuto a doce legenda
Que te suggere a razão.

Agora, esgrime o Toledo,
De *verve* cheio e de ardor,
Pois nunca se mostra quedo
Nas discussões de valor.
Idéas surgem da voga;

Mas Alvarenga epiloga,
Alçando a voz senhoril:
« E' findo o patrio certamen:
Libertas quœ sera tamen,
Grave o pendão do Brazil! »





CANTO V

E' noute negra, medonha !
Noute que gera duende ;
Nenhuma estrella risonha
No céo trevoso resplende.
Pelos valles, pelos campos,
Cardumes de pyrilampos
Gottejam pingos de luz ;
Chega a tormenta apressada:
O ronco da trovoada
Parece estrondo de obuz !

Porém é grato ao convivas,
Que á patria alegres se dão,
Ver todas as forças vivas
Da natureza, em acção.
A lucta dos elementos

Educa ouvidos attentos,
Pavor gelado destroe;
A vista o raio não turva:
— Se lasca um tronco, não curva
A erguida fronte de heroe!

Assim, os bravos, por gosto,
Os gosos deixam da sala,
Onde ha cadeiras de encosto,
Onde o perfume trescala.
Vencem ladeiras a pique;
Jorra abundoso debique,
Porque o Toledo rodou:
«Upa, upa! reverendo,»
E volve o padre dizendo:
«Já sobre os pés eu me estou!»

Tomba em cascatas a chuva,
Brame, brame o vendaval;
Parece que um vento a luva
Atira ao vento rival.
Rue o pinheiro partido,
Que, após medonho estampido,
Projecta a coma no chão;
O cedro pende qual vime:
Se o salva esforço sublime,
Robustos galhos se vão...

A sussurana bravia
Ruge, ruge na socava,
E o cão veloz desafia
Que ha poucas horas ladrava;
Mas caçador, que não dorme,
Despreza perigo enorme,
Os aconchegos do lar:
Bum! bum! bum! — a pederneira
Foi sempre uma arma certeira,
Ora és defuncto, jaguar!

Como é doce, como é doce!
Calor da cama sentir,
Da chuva, que o frio trouxe,
Ouvindo a gente o cahir.
Depois... que sonhos, que bellos!
Saciam fundos anhelos
De um peito escravo d'amor;
A embriaguez é tamanha,
Que de fulgores se banha
A fronte do sonhador.

Tiradentes, que adorava
A bella patria inditosa,
Scismava, louco! scismava,
Na Independencia morosa.
Com debeis mãos de velludo,

O somno, discreto e mudo,
Cerrou-lhes os olhos, alfim;
Mas, dentre brumas e neve,
Surgiu-lhe, leve de leve,
Um templo d'ouro e marfim.

Sobre columnas erguido,
Se ostenta lindo frontão,
No qual bem foi esculpido
O emblema da redempção.
Dentro da nave espaçosa,
Cheirando a essencia de rosa,
Toda inundada de luz,
Em tres altares erectas
Estão as filhas dilectas
Do immaculado Jesus.

A' sinistra, a Liberdade,
Tem duro sceptro rubineo:
Quasi sempre á claridade
Precede arrebol sanguineo;
A' dextra, tem gladio forte,
Que á tyrannia dá morte
Nas grandes revoluções;
Os olhos no tecto fitos,
Porque depreza finitos
E só devassa amplidões.

A justiceira Egualdade
Rasoura enorme sustem,
Com que desmouta a vaidade
Dos tolos *filhos de alguem :*
Nivela o párias ao nobre,
Ao rico vincilha o pobre,
Nega favores ao rei;
Na fronte mostra a legenda:
« Hei de arrasar, na contenda,
Os privilegios da lei! »

A diva Fraternidade,
Tão alva como a neblina,
Exala etherea bondade
Da rosea bocca divina:
O iris é da bonança,
Dourada luz de esperança,
Com leves traços de anil,
Que fulge em céo de tormenta,
Emquanto o prelio sustenta
A bella deusa viril.

O colossal patriota,
Cujo peito era um vulcão
Ante a trindade que a rota
Ensina da salvação,
Os grandes olhos rasgados,

De amargo pranto banhados,
Na prima estatua fitou;
E, abrindo os labios ardentes,
Este hymno de inconfidentes
Com voz aguda vibrou:

« Liberdade, desponta formosa
« Do Brazil opulento no céo:
« Que a teus labios de anil e de rosa
« Elle vença medonho escarcéo!
« Assim ha de ter gloria bastante,
« Ha de ser uma patria de heroes,
« Astro bello de luz scintillante
« Todo o brilho offuscando dos sóes.

« Liberdade, excelsa filha
« Do intemerato Jesus,
« Rebrilha, dea, rebrilha!
« Nas plagas de Santa Cruz.

« Pelos povos mais cultos honrado,
« Luminoso pharol ha de ser;
« Fofo ninho onde gose o exilado
« Longas horas de ethereo prazer:
« Entretanto, se affronta, se injuria,
« Orgulhosa nação lhe assacar,
« Ha de ver nos combates, com furia,
« Moços, velhos, bradando: — « Luctar! »

« Liberdade, excelsa filha
« Do intemerato Jesus,
« Rebrilha, dea, rebrilha!
« Nas plagas de Santa Cruz.

« Eldorado de minas extensas,
« Onde ha lavras de erguido valor;
« Onde em mattas floridas e densas
« Lindas aves gorgeiam: — «Amor!... »
« Terra cheia de gemmas infindas,
« Como nunca as mirára Stambul,
« Seja a estrella, de estrellas tão lindas!
« Que mais viva resplenda no Sul.

« Liberdade, excelsa filha
« Do intemerato Jesus,
« Rebrilha, dea, rebrilha!
« Nas plagas de Santa Cruz. »

S. Borja, 1886.





CANTO VI

Enamorada musa, ó musa das montanhas,
Que outr'ora, sob um céo de azul resplandecente,
No peito me accendeste inspirações tamanhas!

Idylios já não faço ao louro deus ardente:
Da esplendorosa terra onde nasci, cuidoso,
Sómente as glorias canto aqui no Sul, sómente!

Agora não te peço inspirações de goso,
E sim aquelle tom, subidamente serio,
Com que Dante fulmina um coração maldoso.

Não desço de Plutão ao fumegante imperio,
Para assistir, sem dó, ás cruciantes penas
Que porventura soffra o desleal Silverio.

Paraiso do justo e jaula das hyenas,
Com entranhas de pomba e garras de leão,
A Historia os olhos cerra ás illusões terrenas.

Sente a fraqueza d'Eva e não diz mal de Adão,
Mas da serpente esmoe a triangular cabeça
E execra de Caim a fratricida acção.

Bebe o pranto de Agar ; mas, á luxuria avessa,
Repelle o despudor, a sensual caricia
E não pune a José, por mais que atroz pareça.

Tem côres matinaes e a bella côr patricia,
Para correr um tom celestemente bello
No quadro niveo-azul d'amor e pudicicia.

Os labios virginaes colóra com desvelo,
Tece estemma de luz em galardão de heroe,
Do réo imprime á face o accusador libello.

Tem risos para o bom, do mau não se condóe;
Ao sabio que não teme o calix de cicuta
Em templo de marfim um pedestal constroe.

Assiste com pavor á gigantesca lucta
Que em Troia fez entrar o semi-deus sanguinio
E a Grecia rehaver o pomo da disputa.

Chora a quéda de Heitor e as maguas de Virginio,
De Lucrecia infeliz lamenta a crua sorte
E eternamente accusa o bestial Tarquinio.

O genio rouba, alfim, á escuridão da morte,
Quer seja o Christo ameno, ou seja Budha austero,
Sectario de Minerva ou do bellaz Mavorte.

Tem antros infernaes e fauces de Cerbero,
Horrores, maldicções e grelhas onde pena
O Judas portuguez, germano de Ashavero...

....

Carbonizado está das unhas á melena,
E, por castigo atroz de sua falsidade,
Ainda beija os pés ao rude Barbacena!

De quando em vez a flamma os labios seus invade
E as fulvas espiraes enroscam-se na lingua
Delatora da acção em pról da liberdade.

Distingo-lhe o semblante, a louca voz distingo-a!
Debalde assim lamenta ao fogo que o consome:
«Trahi por causa d'ouro e quasi morro á mingua!

«Tormentos dá-me o inferno, a Historia infame nome,
«E a lusitana côrte, onde a perfidia agrada,
«A vida me deixou amargurar de fome:

«E' presa de Satan quem mente á fé jurada!»
....
....

Qual serpe que se arrasta, manso e manso,
Por entre folhas que macúla e empesta,
E vai com fim damnado e sem descanço,

Ao caminheiro, que dormita á sésta,
Talvez sonhando gloria,
E que, inda em meio de seu somno ameno,
Por mordedura atroz desperto, louco,
Sente os effeitos de subtil veneno,
Que a mente lhe enfraquece, pouco a pouco,
E a sensação corporea:

Assim tu foste aos sonhadores grandes,
A quem chamaste irmãos e confidentes;
Vencendo escarpas, té chegar aos Andes,
No collo d'aguias afincaste os dentes,
Com furia viperina !......
Prisão, exilio, injuria, cadafalso
Já lhes commina a tyrannia atroce,
E, como não condemna sem percalço,
Fareja gordos bens, por cuja posse
Arde em gula canina:

Estremecida esposa, chora e geme
Ao duro golpe que te rasga o peito!
O' mãe, revê-te no filhinho extreme
Que appellidam de infame leis de effeito,
Supinamente austeras:
Desde que os homens, do viver na lida,

A's dores de tua alma assistem quedos,
Vae, lacrimosa, procurar guarida
Ao centro da floresta ou aos rochedos
Onde se alojam feras!

E tu, Marilia bella, um triste goivo
Guarda no seio ás seducções vedado;
Pois teu cantor gentil, amado noivo,
Para o vestido branco auri-bordado
Não completou as tiras.
Soluça, virgem, tua magua enorme:
Se tanto um peito amou, tão firme nunca!
Has de, certo, volver á cinza informe,
Mas fugirás do tempo á garra adunca
Ao som das doces *Lyras!*

EPITAPHIO

Celestial belleza, a desventura
Ungiu de fel o teu amor sagrado;
Da morte hauriu-te o beijo a formosura,
Mas teu perfume alou-se immaculado!

Subindo em azas de anjo á immensa altura,
Onde ha trevas ou luz? ao bem amado
De tua alma infeliz e não perjura
Levar tu foste o coração maguado:

E' que aspiraste a redolente briza
Que ameiga os altos cimos onde out'rora
Falou da Liberdade a pythonisa;

Alli a flor da fé nunca descora:
Ao traiçoeiro vento que desliza
E ás duras penas mais olor vapora!

S. Borja, 1887.





CANTO VII

O REBUÇADO OU O GENIO DO FUTURO

— Gonzaga, apanha este lyrio
Que vês deitado no chão:
Cahiu de um peito em martyrio,
Varado pela afflicção:
Gonzaga, apanha este lyrio
Que vês deitado no chão!

Beijou-lhe as folhas sedosas
O labio de teu amor,
Que estilla essencia de rosas,
Mas tem das chammas o ardor:
Beijou-lhe as folhas sedosas
O labio de teu amor!

Marilia, a bella Marilia,
O fofo leito esqueceu;
Passou a noite em vigilia,
Chorando por ti, Dirceu:
Marilia, a bella Marilia
O fofo leito esqueceu!

A flor colhida no valle
Virgineo pranto crestou;
Ai dor! permitte que eu fale
As maguas que em si calou:
A flor colhida no valle
Ardente pranto crestou!

— « Dilecta de meus pezares,
« Que entre dilectas colhi,
« Deixando o goso dos lares
« Por elle, a sós, eu parti:
« Dilecta de meus pezares,
« Que entre dilectas colhi!

« A face o pranto me queima,
« Não mais me sinto viver,
« Pois a justiça suprema
« O amado quer-me prender:
« A face o pranto me queima,
« Não mais me sinto viver!

« Oh ! manda a essencia divina
« A cada estrella do céo,
« Cuja luz adamantina
« Rasga das noutes o véo :
« Oh ! manda a essencia divina
« A cada estrella do céo !

« Com ella sobe meu pranto,
« Com ella, meu coração :
« Ai peito, que soffres tanto!
« A tua dor saberão :
« Com ella sobe meu pranto,
« Com ella, meu coração !

« Em todo o mundo luzente
« Ha formoso cherubim,
« Que a meu amor insciente
« Aviso dará por mim :
« Em todo o mundo luzente
« Ha formoso cherubim !

« Foge, foge do infortunio,
« Enamorado Dirceu :
« Vate eximio a forca pune-o,
« Se ardente canto gemeu :
« Foge, foge do infortunio,
« Enamorado Dirceu ! »

— Gonzaga, apanha este lyrio
Que vês deitado no chão:
Cahiu de um peito em martyrio,
Varado pela afflicção!
Gonzaga, apanha este lyrio
Que vês deitado no chão!

***

— Cantor eximio do Brazil inculto,
Claudio, meu Claudio! que na Italia ardente
Brilhaste com fulgor, prestando culto
A' doce musa de Petrarcha ingente,

O Ribeirão do Carmo tem, occulto,
Thesouro que a Itamonte incandescente
Roubou, constante de crystaes de vulto,
— Mais bellas gemmas que as do rico Oriente!

Antes que a infamia te macule e peie,
O patrio rio sonda e a agua sanguina
Bebe onde Nise teu amor ateie;

Pois ella, á margem do raptor de Eulina,
Em floreo leito, *porque mais te enleie*,
O corpo esculptural some e reclina!

***

— Pintor de Anarda, que em pallor excede
A propria Venus soterrada em Milo,
Da Arcadia Ultramarina deixa a séde,
Nas lavras de S. João procura asylo.

Fugindo aos raios que o *visconde* expede,
Vai á Gruta del-Rei pousar tranquillo,
Onde ha ninho de amor tecido adrede,
Columnas jonias e salões de estylo.

Alli, da cara esposa amargo e doce
Queixume ouvindo por tamanha ausencia,
Inda que a ausencia necessaria fosse;

Alli, das flores aspirando a essencia
Que a *princeza* gentil do valle trouxe,
De paz e goso não terás carencia!

***

— Eleitos da terra altiva,
Dessa rival do Hindostão,
Temei a sorte afflictiva
Que vos agoura um irmão:
« A morte, o exilio, as torturas,
« Consumam carnes impuras,

« Maldictos sejam taes réos,
« Que, a Liberdade adorando,
« Commettem crime nefando
« A' luz serena dos céos!

« Quem sonha as Minas douradas
« Remir do luso poder
« Merece tibias quebradas,
« Mil mortes deve morrer:
« Seccar o veio abundoso!
« Ai tempos do venturoso!
« Ai manes del-rei Manoel!
« Onde os castellos roqueiros,
« As cathedraes, os mosteiros,
« Se vinga o intento revel?!

« Na Costa — mouros sómente,
« Das Indias — nem um pardau:
« Que vale Gôa indigente,
« Que vale a triste Macau?
« Seccar o veio abundoso!
« Ai tempos do venturoso!
« Ai manes del-rei Manoel!
« Onde embaixadas — portentos,
« Onde os reaes casamentos,
« Se vinga o intento revel?!»

— E assim com raiva epiloga
O genio de Portugal,
Que a propriedade se arroga
Das terras que viu Cabral:
« Perca-se tudo, mas nunca
« A joia que o reino junca
« D'ouro, brilhantes, rubins;
« Lembrem demonios a pena!
« Fóra a justiça da scena
« Onde me servem mastins »...............
....

— Já corre a louca devassa
Cidades, villas, sertões,
Deixando por onde passa
Angustias, desolações!
Depois... dos lares expulsos,
Grilhões, algemas nos pulsos
E a sanha do vice-rei.
Começa a triste Odysséa:
Arautos da nobre idéa,
Temei desgraças, temei!

Tres annos de calabouço,
Tres annos de atroz soffrer,
Com duro ferro ao pescoço,
Do sol o brilho sem ver!

Segredos por domicilio,
A morte em plagas do exilio,
No cadafalso ou prisão;
Infamia aos filhos e netos,
E aos bens, por meios não rectos,
Confisco em pró da nação!

Eleitos da terra d'ouro,
Onde ha perfume, tambem,
Não é vileza ou desdouro
Fugir ás maguas que vêm.
Suffocae no peito heroico
Vosso patrio amor estoico,
Que ora não deve explodir;
Pois o destino esta gloria
Escreve, com penna florea,
Nos fastos do sec'lo a vir.

Minas, 1894.





CANTO VIII

Na triste cadeia velha,
(O' sempiterna irrisão!)
A turma heroica se ajoelha,
Ouvida de confissão.
Vê-se o salão do oratorio
Transformado em purgatorio
A' imagem do Redemptor!
Os frades rezam e pendem,
E os labios delles rescendem
Aromas de incensador.

Ao meio da sala ardente,
Ou sepultura a se abrir!
Dos cirios á luz tremente,
Eu vejo o Rocha surgir:
Semelha um anjo do inferno,

Que zomba do Padre Eterno
E da justiça descrê:
O' céos! parece que sonho,
Eil-o que estaca e, medonho,
Da alçada a sentença lê:

— « Já na masmorra Glauceste,
« O conjurado senil,
« Com liga da propria veste
« A morte se deu por vil:
« Dizemos nós, os togados,
« Sejam seus bens confiscados
« Por crime de alta traição;
« E, de Maria em mais gloria,
« Maldicta seja a memoria,
« Infame-se a geração!

« A' forca sejam levados
« Tiradentes, Maciel,
« Paula Freire e os refalsados
« Vidal, Rezendes, Gurgel.
« Alvarenga — esse demonio,
« Vaz, Abreu, Francisco Antonio,
« Levem baraço tambem;
« E sete, feitos em postas,
« Hajam cabeças expostas
« Nas propriedades que têm.

« Foi um delicto tremendo,
« Que irroga insulto á razão,
« Que extende aos filhos (havendo)
« E aos netos a punição:
« Infames sejam por isso!
« Arrase o regio serviço
« A casa onde se tramou,
« Bem como a do réo damnado
« Que mais se mostra culpado
« E mór firmeza ostentou!

« Degredo por toda a vida
« Soffram Gonzaga e mais réos
« Na terra desprotegida,
« De brutos ninho e de incréos.
« Hajam castigo supremo
« Os tonsurados, que o demo
« Venceu com mil tentações;
« Rompam-lhe as carnes cilicios,
« Façam crueis sacrificios
« Ao retenir dos grilhões! »

O mar murmura e se agita,
A terra treme de horror,
Ante a crueza inaudita
Do tribunal julgador:
Quanto soluço que estala!

Que ardentes prantos na sala
Vestida de lucto só!
Do sol aos raios bemvindos,
Ai! que tormentos infindos!
Que sonhos feitos em pó!

TIRADENTES

Tenho minh'alma embebida
Nos mysterios da Trindade;
A morte não me intimida,
Mais te quero, ó Liberdade!

ALVARENGA

Que maguas que sinto agora
Por muito amar-te, Brazil,
Ai da querida Heliodora!
Ai de Iphigenia gentil!

VIDAL

« Ora eu morrer enforcado! »
Degraus da forca subir!
Juro que não: hei sondado
A *Relação* do porvir.

ABREU

Nicolau, emquanto, emquanto
D'alma me sorves o fel,
Deixa que molhe de pranto
Esse teu peito fiel!

GURGEL

Pobre dentista ambulante,
(Oh! que lembrança que dóe!)
Deu-me a alçada 'num instante
Virente palma de heroe!

PAULA FREIRE

Porque chorar crua sina
Quem deste mundo não é?
Palpito á graça divina,
Ao doce effluvio da fé!

REZENDE PAE

Do velho pae alquebrado,
Que mal se póde mover,
Sê, filho, o firme cajado,
O braço forte ao morrer!

REZENDE FILHO

Vale a vida, porventura,
A morte, meu genitor,
Que dá fim á desventura
E lenitivos á dor ? !

FRANCISCO ANTONIO (ALLUCINADO)

A' forca! á forca !... endoudeço;
Levem-me o Christo d'aqui !
De seu olhar não careço,
Pois já na forca morri !...

MACIEL A FRANCISCO ANTONIO

Supporta, amigo, a desgraça,
Mais adora o Redemptor ;
Nascido has tu para a graça
Das duras leis ao rigor !

VAZ DE TOLEDO

Caro infirma, caro infirma !
Spiritus promptus, porém ;
Pois minha fé se confirma
A's maguas que ao peito vêm !

Findou o tempo fecundo
Em choros e exclamações ;
Reina silencio profundo
Na sala das orações.
Os condemnados, contrictos,
Dos frades ouvem « Bemdictos »
E rogos ao Deus-Senhor ;
Cuja infinita bondade
Redimiu a humanidade
De um leve crime de amor.

Com fé robusta e sincera,
(Afóra o moço Vidal)
Estão deitados á espera
De seu momento fatal...
A prece, que tudo alcança,
Oh ! que dourada esperança
A's crentes almas conduz !...
Escuto os passos da ronda:
A' ferrea porta, que estronda,
Do Rocha a fronte reluz.

Eil-o que surge e que nega
O merecido perdão ;
E mais delictos allega,
E mais alonga a afflicção !

Das tochas á luz mortiça,
Esse phantasma — justiça
Té faz tremer a Satan :
Oh ! mãe, esconde no seio
O filho que ao mundo veio
Aos risos desta manhã !....
....

Voltou o duro ministro !
Que novas, que novas traz ?
Já não tem olhar sinistro
Nem semblante de Caiphaz :
— « Maria, a santa que rege,
« Com raiva da grei hereje,
« O luso reino, por Deus,
« Aos réos a pena commuta,
« Excepto o que mais reputa
« Contrario aos intuitos seus ! »

Brada a turba que se apinha
Na rua, sala e saguão
Muitos bravos á rainha
E vivas á Relação.
E mais o povo se ajuncta,
E mais colleia e pergunta :
« Porque taes vivas, porque ? »

— « Clemencia assim nunca vista !
« De gala a terra se vista ! »
Responde quem menos vê.... .....
....

Em Dande, Pedras de Angoche,
Bihé, Cacambo e Bissau,
Por mais que a peia se arroche,
Por mais insultos de um mau,
Verão alguns do futuro
Singrando em mares, seguro,
Da Liberdade o batel ;
Emquanto que Tiradentes,
O mais sublime dos crentes,
Terá sorvido seu fel !

Porém, que bello que vel-o
'Nessa postura de heroe,
Que tem por outros mui zelo,
Mas que de si não se dóe !
Que venham todos ouvil-o :
« Tranquillo, morro tranquillo,
« Por ser a só excepção ! »
Dizei, lisonjas de sabios,
Quando partiu de seus labios
Esta palavra — perdão ? !

Minas, 1894.



CANTO IX

Lá vem da meiga aurora a luz serena e bella
O ponteagudo cimo, os valles redourando ;
Colleia, avança e corre e se desennovela
Por sobre o verde mar. Gorgeia o alegre bando,
Treme e palpita a flor ao gottejante orvalho ;
A fera foge ao dia e vai, sanguisedenta,
Dormir á cova escura, onde arranjou gasalho.
O crime busca a jaula, o vicio se acorrenta,
Emquanto do labor o filho veste a blusa.
Oh ! doce alvorecer ! Manhã, que assim despontas
Velando a face nivea á atrocidade lusa,
De Portugal repelle as senhoris affrontas !

***

A natureza de pavor se gela !
Ergue-te, povo da cidade bella,
India que dorme langorosa e quente,
Emquanto ruge Guanabara á dor ;
Ergue-te, povo escravizado e crente,
Do sol de Abril ao fulminante ardor.

Viva a rainha ! a multidão acclame-a !
Pois já começa a desdobrar a infamia
O rubro dedo da *clemencia* regia,
— Essa ironia que a vileza achou !
Ergue-te, povo da cidade egregia,
E arranca as unhas que Satan limou.

Alteia a fronte, não te curves, povo !
Quebre-se a lyra se jamais te louvo,
Caso não fites o infernal cortejo
Que ao cadafalso Xavier conduz :
Eil-o que passa, com firmeza o vejo
Levando aos labios a adorada cruz.

Treme ás janellas o damasco lindo
Das longes plagas do Oriente vindo ;
Cobrem as ruas variegadas flores,
Farfalham sedas de festivos tons :
De gala é dia, mas da patria as dores
Ai ! não se curam com mavorcios sons !

Fulgem as patas do cavallo ardido
Que o *brigadeiro*, por demais garrido,
Sujeita ao freio de metal luzente ;
Oscilla, afouto, o festival pendão
Da paga tropa, que o Brazil sustente
Em prol da lusa, maternal nação!

Mas um contraste certamente exprime
Que á cega turba não apraz o crime :
Róla na salva de um irmão da bolsa
Ouro que em missas transformado luz :
Do bom levita que os dobrões embolsa
Pranto nas aras se derrame, a flux!

A força move-se, o rodar aturde
Da artilharia que no largo surde ;
Tinem as armas dos dragões luzidos,
As caixas tangem com bellaz furor,
Rasga a membrana dos mortaes ouvidos
De mil trombetas o feroz clangor.

Infamia, infamia! maldicção eterna
Ao duro conde que o paiz governa!
Razão de estado porventura ordena
Que, após torturas na voraz prisão,
Com apparatos se redobre a pena
Do réo que marcha para a morte? — Não!

Acaso pensas, mandatario estulto,
Que o martyr chora a teu brutal insulto,
Que se ajoelha, que descerra os labios
E vem beijar-te o reluzente pé?
— Nunca ! os deveres de um estoico sabe-os,
Que a dor supporta com nobreza e fé.

O bronzeo Christo conchegando ao peito,
Eil-o que sobe com valor perfeito
Da praça em meio ao cadafalso erguido,
Por desaggravo de uma lei—terror...
Está, verdugo, teu dever cumprido,
Agora rufe o marcial tambor !

Mas não ! as carnes desse corpo quente,
Convulso ainda, que palpita e sente,
Corta, posteja ! que a tarefa ingloria
Quer a justiça que se acabe assim :
    — Heroe ! já luzes na brazilia historia !
    Judas ! começa teu errar sem fim !

Minas, 1894.





NOTAS AO POEMA

Pag. 10.

O mineiro, altivo por indole, etc.

O mineiro foi e é altivo: sobrio, modesto, trabalhador e hospitaleiro, não o deslumbravam, nem o deslumbram, os fulgores do poder. Votando acendrado amor ao lar, que é a cellula da patria, repellira as imposições tyrannicas dos regulos portuguezes, como deu tremenda licção a Pedro I, que concebera a louca idéa de fazel-o eleger o seu valido Maia.

O movimento de 1720, a Inconfidencia, a fria recepção de 31 e a revolução de 42 provam

exuberantemente que a ex-capitània e provincia de Minas Geraes « *com seu liberalismo tradicional* » [1] era e é o terror dos despotas.

Este tom nitido do caracter mineiro, além de outros, explica a prompta adaptação do regimen republicano-federativo a esta rica porção do Brazil central, que lhe tem gosado as innumeras vantagens.

Disse o conego José Antonio Marinho :

«A provincia de Minas tem a gloria de haver dado os primeiros martyres á independencia e liberdade do Brazil em o seculo passado; ella tem ainda o brazão de ter sido simultanea com a de S. Paulo na manifestação dos votos em favor do grande acto que se realizára no Ypiranga a 7 de Setembro de 1822; pois quando de S. Paulo caminhava para o Rio de Janeiro José Bonifacio tambem de Minas marchava, e para o mesmo fim, o honrado e distincto mineiro José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, visconde de Caethé, brazileiro de mui subido merecimento, e um d'aquelles a quem cabe a grande gloria de haverem directamente concorrido para a independencia de sua

(1) MATTOSO MAIA, *Historia do Brazil*, pag. 292.

patria. Extranha á rivalidade entre cidadãos natos e adoptivos, que tanto sangue e lagrimas fez correr em outras provincias, a de Minas procurava nos individuos sómente o amor ao paiz, o aferro á independencia e á liberdade delle. Foi assim que os Pontaes, Limpos e outros lhe mereceram sempre as demonstrações mais decididas de consideração e estima, levando á primeira lista triplice, que teve de apresentar, depois da organização do senado, o nome de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. O amor que os mineiros consagram á liberdade os tornam superiores ao espirito de bairrismo, e os faz procurar o merecimento em qualquer parte do imperio, onde o acham. Quando as outras provincias mandavam á camara sómente pessoas nellas nascidas, ou ha muito tempo residentes, Minas elegia para seus deputados a Ribeiro de Andrade, Alencar, Cunha Mattos e Evaristo. Quando o partido absolutista no poder empenhava todos os seus esforços para excluir da camara temporaria o então distincto opposicionista Vasconcellos, o seu nome depositado nas urnas, escripto com lettras d'ouro, sahia dellas carregado de suffragios, que o collocavam o primeiro entre todos os escolhidos; e a visita do proprio monarcha, em 1831, não poude resolver os mineiros a que reelegessem o ministro Maia, que o acompanhava.

A acceitação de uma pasta era para um deputado mineiro uma sentença infallivel de exclusão; e não só isto, era elle sempre substituido pelo mais forte opposicionista. Tanto era o odio que os mineiros votavam ao dominio dos absolutistas !» (1)

Por sua vez, o dr. Miranda Azevedo exordiou a sua censura á ultima geração mineira, que julgava pusillanime em face dos derradeiros actos do governo de Pedro II, com as seguintes phrases cheias de verdade e patriotismo :

«Os habitantes de Minas colheram as tradições gloriosas de Tiradentes, e emquanto mantiveram o culto sacrosanto de suas idéas, foram bons, patriotas, heroicos e livres.

Por muito tempo o nome *mineiro* foi symbolo de inteireza de caracter e de hombridade civica. Ao primeiro imperador souberam com altivez infligir a licção da derrota ao seu valido e ministro aulico em 1831, celebrando esse facto com canticos sagrados e ao som funereo dos bronzes, que choravam a victima do imperialismo — Libero Badaró.» (2)

(1) *Historia do Movimento Politico de 1842 em Minas Geraes*, pag. 58.

(2) *Tiradentes de 1884*, pag. 1.

Pag. 9.

Os Alvarengas, etc.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto, natural do Rio de Janeiro, e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que, antes de transferir sua residencia para a capital do vice-reino, commerciava com as musas em Villa Rica, sua terra natal.

O distincto litterato dr. Mello Moraes Filho (1) dá os dois Alvarengas como companheiros de Gonzaga na jornada de Minas ao Rio. Parece-me que ha 'nisto algum equivoco, porquanto não consta que o lyrista Silva Alvarenga estivesse por esse tempo na capitania de seu nascimento, ou que fosse colhido pelas malhas da Inconfidencia. Soffreu elle, é verdade, todos os horrores dos segredos coloniaes, de Dezembro de 1794 ao meado de 97, por ter sido denunciado, como jacobino, pelo infame José Bernardo da Silva Frade, cego e vil instrumento de frei Raymundo de Penaforte, a quem o poeta farpeára, a valer, com agudos epigrammas; como tudo se vê de sua biographia, inserta á pg. 35 e seguintes do 1.º tomo da *Brazilia*, bibliotheca nacional dos melhores auctores

(1) *Archivo do Districto Federal*, supplemento de Abril de 1895, pag. 37.

antigos e modernos, organizada pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

Diz ainda o illustre poeta e prosador bahiano:

« O dr. Claudio Manoel da Costa e Joaquim da Silva Pinto Ribeiro Pontes não os acompanharam, porque o assassinato lhes havia entorpecido os membros na cadeia de Villa Rica, abrindo-lhes uma sepultura ignorada e sem lettreiro. » (1)

Quanto ao suicidio ou assassinato de Claudio, manifesto minha opinião algures.

Por ora, pergunto ao dr. Mello Moraes Filho: quem era esse Ribeiro Pontes?

Conforme se infere do exposto á pg. 328 da *Historia da Conjuração Mineira*, que é o mais completo trabalho deste genero que se tem publicado sobre os factos da Inconfidencia, e dos *Ultimos Momentos dos Inconfidentes de 1789*, (2) tres foram os fallecidos em prisão: dr. Claudio Manoel da Costa e Francisco José de Mello, em Minas, e o capitão Manoel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, no Rio. Emquanto não forem

(1) Ibidem.

(2) Memoria preciosa attribuida a frei Raymundo de Penaforte, da ordem franciscana.

colligidas e publicadas todas as peças officiaes relativas á Inconfidencia, hão de surgir equivocos e duvidas semelhantes.

Pag. 18.

E o velho Portugal, ensurdecido a Oeiras

O marquez de Pombal encarou o Brazil, essa formosa gemma da coroa portugueza, atravez de um prisma de que não fizeram uso os seus antecessores e successores na direcção do governo lusitano. Promoveu o progresso industrial da colonia e baniu, em parte, a odiosa excepção que cerrava as portas dos cargos publicos aos seus naturaes. Sebastião de Carvalho, o primeiro estadista portuguez e o mais cruel de todos, preparou um refugio na America para « *o ultimo dos Braganças* », na phrase de Oliveira Martins, antes pela pratica das medidas politico-administrativas que ideára do que pela construcção de monumentos no Pará, como parecia crer o visconde de Porto Seguro. (1)

Pag. 18.

Foi ella — a esplendorosa, a fada dos brazis —

(1) *Historia Geral do Brazil*, pag. 967 do 2º tomo.

Nenhuma das capitanias do Brazil foi tão opprimida como a de Minas Geraes, por isso mesmo que era o *Eldorado* descoberto, alfim, pelos intrepidos *bandeirantes*, em proveito do regio erario: dizem-n'o os escriptores nacionaes e estrangeiros, conhecedores de seus negocios, entre os quaes cito Charles Ribeyrolles, o illustre patriota francez, que amou, devéras, esta grande nacionalidade americana, onde achára lenitivo ás suas maguas de proscripto:

« Or, de toutes les provinces de cet immense territoire, la plus surveillée, la plus opprimée, la mieux tondue, c'ètait, sans contredit, la province de Mines (Minas Geraes). Le roi, de droit souverain, prélevait le cinquième sur les valeurs trouvées dans les Mines. Tout terrain découvert, ayant or ou diamant, n'était plus propriété particulière, mais devenait domaine à contrôle, et voici les parts: la première pour le fisc, la seconde pour le commandant militaire, la troisième pour l'intendant de la province ou du municipe, la quatrième pour les auteurs de la découverte, propriétaires ou non. Les mineurs ayant groupe de travailleurs venaient derrière e glanaient. » (1)

---

(1) *Brazil Pittoresco*, pag. 65.

Voto sympathia a Portugal, porque é o berço de meus avós; porque, com ser pequeno, não deixou de exornar muitas paginas da humana historia com os feitos heroicos de seus filhos.

Não praguejo a nação; censuro os reis e os ministros que não souberam conservar tamanhas conquistas; maldigo a crueldade satanica dos vice-reis da India, que, com rarissimas excepções, tingiram no sangue innocente dos indigenas orientaes as suas bellas coroas de grandes capitães e ousados navegadores; execro os mandatarios estupidos, perversos e venaes que se cevaram na carne e suor dos indigenas occidentaes. Esta linguagem foi e é a de portuguezes de eleição: falou-a Latino Coelho, falou-a Pinheiro Chagas, falou-a Oliveira Martins, com a nata dos pensadores, historiographos e publicistas dessa porção extrema da peninsula iberica.

De uma das cadeiras da camara dos deputados federaes, cuja posse disputava com a força de meu diploma conferido por 1827 eleitores independentes, mas que me foi extorquido por certa colligação de interesses partidarios, que soube, na phrase incisiva do valente deputado Cesar Zama, inscrever nos annaes do congresso brazileiro a mais descarada injustiça em materia de verificação de poderes, assisti silencioso e commovido á leitura

da mensagem em que o benemerito consolidador da republica dava conta aos representantes do povo do rompimento de relações com o governo de Portugal. Dei razão ao grande morto, porque, realmente, as auctoridades portuguezas, em terra e mares do Brazil, lhe haviam cuspido ao pavilhão immaculado insulto por de mais affrontoso.

Previ, porém, que o conflicto não teria maiores consequencias, porquanto não se déra entre dois povos irmãos, sim entre os respectivos governos.

A carta infra transcripta que a *Mala da Europa* teve a subida gentileza de publicar em seu n. 18 de 13 de Março de 1895, melhor exprime os meus sentimentos com relação a Portugal:

« S. João del-Rei, 9 de fevereiro de 1895.

Sr. Delfim José Monteiro Guimarães.

D'esta pequena, mas garrida cidade do grande estado de Minas Geraes, extendo as mãos agradecidas para apertar as de V., digno co-proprietario da *Mala da Europa*, cuja illustrada redacção houve a gentileza cavalheirosa de estampar na pagina 2.ª do n. 13 a minha modesta photographia, de par com a de varões preclaros pelas virtudes e talentos.

Senhor, essa prova de immerecida consideração que a *Mala da Europa* deu ao mais humilde soldado e obscuro homem de lettras da terra de Santa Cruz, cabe tambem á joven Republica Brazileira, a qual, com ser hoje independente e liberrima, não se envergonha ou se vexa de haver inundado de luz adamantina o diadema dos monarchas portuguezes, como estrella que foi, symbolo da mais bella, mais rica e mais fecunda das conquistas levadas epicamente ao cabo pelos valorosos capitães dos seculos XV e XVI. Por isso, eu e todos os meus compatriotas, republicanos sinceros e intransigentes, anhelamos por ver que, á evidencia deslumbradora de defesas como as do conselheiro A. de Castilho e tenente Oliver, se desfaça ou se derreta essa ferrea, mas tenue barreira contraposta pelos chefes da maldicta e injustificavel revolta de Setembro ao curso das relações amistosas entre os governos de Portugal e do Brazil.

Quando digo — relações amistosas entre os dois governos — enuncio esta grande e preciosa verdade: brazileiros e portuguezes, vinculados pelos vincilhos da raça, familia, costumes, tradições e linguagem; sentindo nas veias o calor do mesmo sangue generoso que fez pulsar o coração de milhares de heroes, em um e outro hemispherio, dando com

os pés á barreira, trilham sobraçados e alegres a longa estrada da vida laboriosa.

Este sentir commum de dois povos irmanados, que, surdos ás maguas e pequenos resentimentos de seus respectivos directores politico-administrativos, não rompem os estreitos laços da amizade, fortalecidos por factores sociologicos capazes de resistirem a influencias physicas poderosas e varias, gotteja-me no fundo d'alma o nectar balsamico dos deuses, se é que do Olympo póde cahir na terra, em pleno coração de plebeu irreductivel, a deliciosa bebida dos immortaes!

Descendente de portuguezes, possuindo amigos e parentes em diversas localidades d'essa porção da peninsula iberica, admirador dos feitos de seus filhos, sobretudo em materia de navegação, e de seus escriptores puristas, cujo zelo carinhoso com que tratam o bellissimo e sonoro idioma de Camões antes louvo do que censuro, (em que pese ao furor anti-classico de alguns habeis manejadores da penna, meus patricios) tudo quanto lhe diz respeito me interessa, me prende e, por vezes, me fascina.

Leio e releio as chronicas singelas, não raro pinturescas, de Fernão Lopes, Ruy de Pina, Damião de Góes, de Barros, etc., ou as paginas brilhantes da lusa historia, rica de episodios e cara-

cteres, illuminados pelo genio masculo e inflexivel de Herculano, pelas deducções pacientes e rigorosas de Oliveira Martins, Latino Coelho, Theophilo Braga e A. Ennes, ou dulcificados pelo olor que resumbra a alma patriotica e florida de Pinheiro Chagas, esse grande poeta da prosa, esse cinzelador de periodos decorados por festões de roxas saudades, mas que vaporam essencia de rosas.

Leio e releio essas paginas vibrantes de amor patrio, de onde se destacam os vultos significativos de Affonso Henriques, de d. Diniz, de Pedro o crú, enamorado da inditosa e nunca assaz querida Ignez, de João I, Nunalvares, João das Regras, d. Henrique, Vasco da Gama, « Albuquerque terribil, Castro forte », Pombal e de outros muitos varões illustres e intemeratos, « em quem poder não teve a morte ! »

Leio e releio essas paginas gloriosas onde as sombras projectadas, aqui e acolá, por um ou outro principe cruel e imbecil, pela baixa traição de algum fidalgo sem decoro, ou sordida avareza de bispos nedios e hypocritas, mais realce dão aos grupos sublimes que falam das glorias de Aljubarrota, « das navegações grandes que fizeram » esses leões do mar em fóra, desde « a occidental praia lusitana » aos dominios do filho do sol, ás terras

virgens e maravilhosas dos brazis, aos dourados imperios dos incas indomaveis e crentes!

Patria de heroes, berço avelludado de Bernardim Ribeiro, de Gil Vicente, Ferreira, Felinto, Garção, Almeida Garrett, Castilho, Thomaz Ribeiro, Guerra Junqueiro, Quental e de tantos eleitos das musas que se banham nas aguas marulhosas do Tejo, do Douro, do Mondego, ou dormitam ao murmurio doce e suave das brizas peninsulares; floreo torrão de prosadores emeritos, desde os chronistas ingenuos e escriptores do seculo XVIII ao terso e austero Herculano, ao feroz, mas genial Camillo, a Latino Coelho, Oliveira Martins, Ennes, Theophilo Braga, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e tantos outros pensadores e estylistas cujas obras saboreia a *élite* de aquem e além mar; terra bemdicta e eleita por Deus « para castigo dos herejes e salvação dos gentios » por que fadario cruel o sol desses mundos conquistados pelo heroismo de teus filhos audazes não mais sauda e « vê primeiro » o pavilhão glorioso que, outr'ora, symbolo de posse indisputada, balouçava nas torres mouriscas, nos indicos pagodes, nos pincaros dos montes alcantilados que bordam as dilatadissimas costas sul-americanas ?!

E' que a dynamica social tem o seu curso fatal. Operando, hora a hora, dia a dia, havia de

pôr termo á evolução. Frouxos eram os laços entre a metropole e as vastas e longinquas colonias; morosa a acção governamental; enorme o abuso dos *pro-consules* e famintos exactores, que talhavam leitos de Procusto para martyrio dos pobres contribuintes. A desintegração, que poderia ser demorada se alguns estadistas portuguezes tivessem a rija tempera e clarividencia do ferreo ministro de d. José, accelerou-se, dando em resultado a independencia do Brazil e a perda de possessões da India e Africa, que passaram ao dominio de nações mais poderosas. Estas, mais felizes e fortes, fundem e refundem cadeias para prenderem a si esses Eldorados, essas regiões de riqueza fabulosa, esses povos barbaros, semi-barbaros, ou absurda e exquisitamente civilizados, que lhes enchem os cofres de ouro, mas salpicam de sangue e lagrimas os estofos que tecem.

Que importa, porém, a tua pequenez, ó ninho paterno dos *Lusiadas* e do seu divino cantor, se ella melhor attesta a fortaleza e genio de teus filhos, que, a espada e a penna, te hão traçado espheras de luz nos céos infindos da humana historia?

Perdoe-me, senhor, tamanho e enfadonho cavaco respeito á sua patria, que é a de meus avós, e acceite os protestos de profunda gratidão que a

V. e á *Mala da Europa*, isto é, aos seus illustres redactores e co-proprietarios, tem a subida honra de fazer o de V.

cr.º obrig.mo e att.º

Rodolpho Gustavo da Paixão. »

Pag. 23.

A americano illustre Maia exora:

A conferencia de José Joaquim da Maia com Thomaz Jefferson teve lugar em Nimes nos primeiros mezes de 1788.

Pag. 25.

Se lenhos mais encubro,

Refiro-me ao pau-Brazil, preciosa cæsalpinacea, que constituiu um dos principaes ramos de exportação dos colonos primitivos.

Pag. 26.

.... *myrtaceas tantas!*

Esta opulenta familia botanica é brilhantemente representada na flora braziliense, que conta

muitas de suas especies: « Não ha uma só das numerosissimas especies brazileiras desta preciosa familia que não tenha algum uso » (1)

Pag. 28.

Bem como outr'ora a Brunehaut, Clothario,
Hão de punil-o com atrozes penas,

Alludo ao martyrio de Felippe dos Santos, que o abominavel conde de Assumar mandou, em dias de Julho de 1720, amarrar pelos pés e braços ás patas de cavallos bravios, os quaes, soltos nas planicies, a bordoadas, em poucos minutos o esquartejaram.

O illustre e venerando escriptor conselheiro Pereira da Silva parece crer, á vista da participação mentirosa do maldicto conde á côrte de Lisboa, que Felippe dos Santos foi « enforcado, sendo seu corpo depois decepado em varios pedaços, que foram pendurados em postes levantados ás portas de Villa-Rica » ; mas o meu distincto amigo senador José Pedro Xavier da Veiga, com a competencia que todos lhe reconhecem em assumptos mineiros, provou exuberantemente pelas columnas do

(1) CAMINHOÁ—*Botanica*, pag. 2034.

Minas Geraes de 10 de Fevereiro do anno passado que a *legenda*, 'neste particular, encerra veridica *historia.*

Pag. 29.

De quem ajuncta o quinto,
De sangue, embora, se conserve tinto.
....
O reino até privou a mãe zelosa
Da roca e seu tear,

Os habitantes da capitania eram sugados até á medulla pelo fisco, magistrados e clero, que a consideravam uma inexgottavel mina de onde fariam brotar « o quinto do ouro, o contracto das entradas, o contracto dos dizimos, o donativo e a terça parte dos officios, a extracção dos diamantes, benesses e emolumentos ». (1) A derrama para a cobrança do quinto do ouro (538 arrobas, segundo o Sr. Joaquim Norberto, 700 na opinião de Oliveira Martins (2) e 9 milhões de cruzados, (3) como se infere do interrogatorio a que foi submettido Gonzaga no dia 3 de Fevereiro de 1792) déra pretexto para o levante, cuja senha seria : « *Hoje*

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pags. 55 e 56.
(2) *O Brazil e as Colonias* pag. 97.
(3) Cerca de 586 arrobas.

é o baptizado? » Era, realmente, opportuna a occasião para saccudir o jugo infernal desses mandões crueis, venaes e estupidos, verdadeiros Minotauros insaciaveis da carne, sangue e suor dos mineiros!

O proprio primeiro ministro de Maria I, o atilado e manhoso Martinho de Mello, reconhecendo os vexames de que era victima o povo de Minas, exprime-se deste modo nas instruucções que deu ao visconde de Barbacena: « Um genero de primeira necessidade, como o sal, pagava de entrada a enorme imposição de noventa e tres e tres quartos por cento, sem attender se ás despezas de avarias, demoras, conducções por grandes distancias e outros gastos que elevavam o seu preço a fabulosa quantia.» « Disse mais Martinho de Mello, considerando o imposto a que estava sujeito o ferro, cujo custo subia a trezentos por cento sobre o do Rio de Janeiro: « E que capital não era preciso a um mineiro sómente para compras e concertos de instrumentos necessarios para sua lavra? E quantos serviços e novas descobertas deixariam de se emprehender e proseguir? E quantas mattas e terras ficariam impenetraveis e incultas pela carestia dos dictos instrumentos proprios e unicos para esses trabalhos?» « Por outro lado, pondera o Sr. Joaquim Norberto, viviam os povos da rica e industriosa capitania no maior descontentamento possivel pela protecção

que se dava á industria manufactureira da mãe patria em detrimento da do paiz. Para vivificar e animar os estabelecimentos do reino e dar sahida facil ás suas perfeitas manufacturas era necessario anniquilar as fabricas brazileiras. O sopro, que era vivificante e animador no reino, tornava-se mortifero na colonia. Não viu o governador d. Antonio de Noronha sem espanto e admiração o augmento consideravel das fabricas mineiras e a diversidade dos generos de suas manufacturas, a ponto de se lhe afigurar que em pouco tempo ficariam os habitantes da capitania inteiramente independentes das fabricas do reino. Prohibindo-as, foi o seu expediente adoptado pelo governo da metropole, que não só o sanccionou como que extendeu a prohibição a todas as capitanias do Brazil. Completou o facho dos esbirros incendiarios por conta do governo a obra da destruição —os teares desappareceram ! » (1).

Como não se revoltaria essa população altiva, laboriosa, mas exhaurida ? Aonde iria ella buscar 700 (2) arrobas de ouro, ou sejam 27.763;344$000 (3)

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 59.

(2) Incluo as 100 arrobas do quinto annual.

(3) Importancia correspondente a 10.282.720 grammas de ouro em pó, barra ou obra, calculadas a 2$700 rs., preço

para untar as guelas de Portugal, « essa metropole madastra a qual nada saciava, nem os impostos nem os monopolios,—entre os quaes o do sal vexava a todos » (1).

A população de Minas Geraes era calculada neste tempo em 400.000 almas; tocaria, portanto, a cada uma 69$408,36 réis em virtude da derrama, que, se fosse lançada, provocára, forçosamente, disturbios e daria resultado negativo: não ha negar, tinham os conjurados um optimo pretexto para o levante e conquista da liberdade appetecida.

Pag. 32.

Se a graça houvesses merecido, a custo,

Da exposição ardente de Maia a Thomaz Jefferson, conclue-se que o mallogrado fluminense tinha um coração que pulsava em prol da patria opprimida.

Muito se tem escripto a respeito da Inconfidencia, mas, até hoje, não se determinou a dose de heroismo de que seria cada um capaz. Quanto

medio das vendas no Rio de Janeiro, durante a 1ª quinzena de Janeiro de 1896.

(1) Oliveira Martins—*O Brazil e as Colonias*, pag. 97.

a mim, esse episodio lugubre, mas fecundo de nossa historia politica, dá para uma grande tela em que occupe, a sós, o primeiro plano o heroico alferes Joaquim José da Silva Xavier, esse humilde filho do povo e representante de uma classe que, apesar das calumnias e apodos dos *sebastianistas*, tem dado provas de muito patriotismo e amor á liberdade; em que occupem o segundo o conego Luiz Vieira e Maciel; o terceiro, Gonzaga, Claudio Alvarenga, o vigario Toledo e Francisco de Paula; o ultimo, os outros conjurados.

Não se póde negar a Tiradentes o papel de protogonista no desdobramento dessa tragedia, que teve por epilogo a horrorosa e selvagem scena presenciada pela população do Rio de Janeiro a 21 de Abril de 1792.

Os proprios historiadores aulicos, dentre os quaes o já por vezes citado frei Raymundo de Penaforte, Varnhagem e outros reconhecem e fazem justiça ao heroismo e abnegação do protomartyr da independencia do Brazil, que, desde o 4º interrogatorio, a mais importante e luminosa peça de seu processo, (1) confessou, denodadamente, a parte principal que teve no projectado

(1) Vide pag. 20 e seguintes do folheto publicado por Esquiros em 1872.

levante, procurando sempre aparar os golpes brandidos pelos façanhudos ministros da alçada sobre a cabeça de seus companheiros. A nobreza de sua alma attinge ao sublime quando, a despeito das instancias diabolicas do juiz interrogador, poupa a Gonzaga, seu inimigo, e ao capitão Maximiliano, esse protegido felizardo do visconde de Barbacena, que mór parte houve na conjuração que alguns dos condemnados á morte em terras d'Africa.

Escreve L. L. (1) á pg. 3 do *Tiradentes* de 1883:

« Depois o Sr. dr. Pedro Bandeira de Gouveia, cuja memoria é dever abençoar 'neste momento, iniciou em 1872 energica propaganda para a erecção da estatua de Tiradentes.

A contradicta opposta á generosa idéa proporcionou esplendido triumpho aos defensores da tradição republicana e a propria obra do Sr. Joaquim Norberto, inspirada por pensamento hostil, é a mais solemne consagração da importancia da Inconfidencia e da grandeza historica de Tiradentes ».

Concordo plenamente com os conceitos supra-exarados: se o Sr. Joaquim Norberto, por lamentavel apostasia de suas idéas anteriores quanto ao

---

(1) Não serão estas as iniciaes do meu amigo e velho companheiro de propaganda republicana o amavel Luiz Leitão ?

movimento de que se trata, quizera amesquinhar o vulto giganteo de Tiradentes, não o conseguiu, porque a *Historia da Conjuração Mineira* offerece optimo estalão para medir-lhe a estatura de heroe. E' que o amor patrio e a voz da justiça sobrepujaram o *aulicismo* porventura aninhado no peito do illustre membro do Instituto Historico, que pouco tempo sobreviveu á quéda da monarchia.

São por demais significativas as seguintes phrases de frei Raymundo de Penaforte, citadas pelo Sr. Joaquim Norberto e quasi todos os escriptores que se têm occupado da Inconfidencia : « Este homem foi um daquelles individuos da especie humana que poem em espanto a mesma natureza. Enthusiasta com o afferro de um quaker ; emprehendedor com o fogo de um d. Quixote; habilidoso com um interesse philosophico ; afouto e destemido, sem prudencia ás vezes, outras temeroso ao ruido da cahida d'uma folha ; mas o seu coração era bem formado. » Eis ahi, como diz o Sr. Fernando Castiço « uma linguagem que define psychologica e physiologicamente todos os phenomenos do caracter heroico, suave e impressionavel do legendario mineiro » (1).

(1) *Folhetim do Jornal do Commercio* de 21 de Abril de 1872.

Fallà agora o insuspeitissimo visconde de Porto Seguro: « Do alferes Xavier sabemos que ouvira a sentença com toda a serenidade; e que, com a maior abnegação de si, chegou a dizer quanto estimava vir a pagar as culpas daquelles que elle havia compromettido. Por esta fórma elle se adiantou a acceitar para si a responsabilidade (1) *desta nobre tentativa e as glorias do martyrio que lhe conferiu a posteridade* » (2).

Heroe chamou-o a alçada: « Sendo talvez por esta descomedida ousadia, com que mostrava ter totalmente perdido o temor das justiças, e o respeito e fidelidade devida á dicta senhora (a rainha) reputado por *um heroe* (3) entre os conjurados » (4).

« No meio destes vivos transportes de alegria e de enthusiasmo tiraram-se os ferros aos réos commutados, e só o Tiradentes ficou còm as algemas que lhe ligavam as mãos e os pés... e com a certeza da morte sem mais recurso. Não o tocou a inveja nem o entristeceu 'nesse lance de afflicção a sua desgraça. Sorria-se tristemente e, como se quizesse dar a conhecer a alegria que se mesclava com a sua tristeza, transmittiu, do logar em que estava,

---

(1 e 3) Os gryphos são meus.
(2) *Historia do Brazil*, pag. 1034.
(4) *Folheto de Esquiros*, pag. 175.

parabens aos commutados, como se não tivesse de si lembrança alguma. Os religiosos, que de prompto então o rodearam, assáz se admiraram da sua conformidade. Dirigiu, como um martyr christão, brandas palavras repassadas de uncção e de amor do proximo ao padre que o confortava, dizendo que morria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes a quem contamináра e que isto mesmo intentára elle nas multiplicadas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem sómente delle a victima da lei » (1).

« Ia elle subindo, um a um, os degraus da mystica escada que leva aos Céos — a patria das santas intenções e das idéas puras. Tambem quando assomou no topo da elevadissima forca, pareceu tão grande a quantos então o contemplaram, tão grande ante todos os symbolos do poder humano, que uma conturbação immensa apertou o coração dos mais obcecados e empedernidos, infundindo-lhes revolto presentimento : « Aquelle que vai morrer é o triumphador; nós, nós somos os abatidos, nós os condemnados !...

« E o instrumento do ignobil supplicio se alteou tanto, que domina, e para todo o sempre domi-

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 411.

nará a historia brazileira, tendo ante si anniquilada a lei que o levantou » (1).

Que melhores, mais vivas e mais bellas tintas queremos nós, os republicanos, para colorir a imagem desse patriota sem jaça, desse alferes « *insano* », como o chamou o advogado que a lei lhe designára, pensando assim obter-lhe commutação da pena atroz ; deste louco sublime, pois que loucos foram considerados todos os grandes bemfeitores da humanidade, cujas idéas e planos gigantescos, excepto a universidade, perfeitamente dispensavel ante os estabelecimentos de instrucção superior, federaes e estadoaes, tiveram execução cabal em menos de um seculo ? !

O conego Luiz Vieira da Silva e o dr. José Alvares Maciel, comquanto não houvessem exhibido o ardor, enthusiasmo e inexcedivel coragem de Tiradentes, aspiravam á liberdade de sua patria e tiveram dignidade no infortunio. Gonzaga, apesar de portuguez por nascimento, desejava, certo, ver livre e prospera a terra de seu pae e de sua adorada Marilia. Mas os argumentos sophisticos, a negativa em que se acastellou, aliás com decencia, desde o primeiro interrogatorio a que foi

(1) ESCRAGNOLLE TAUNAY, *Revista do Instituto Historico*, tomo LIII, pag. 30.

submettido, o pouco enthusiasmo de que déra prova nos conventiculos de Villa Rica, fazem crer que lhe não pulsava dentro no peito um coração de heroe.

Claudio, comquanto fosse o progono dos poetas brazileiros do seculo XVIII e votasse ardente amor á sua patria, como o demonstrára em diversas composições suas, em que pesasse ao Sr. Joaquim Norberto, era um sexagenario (1) descrente, mortificado por soffrimentos physicos e moraes, incapaz, sem duvida, de enfrentar os perigos de uma revolução 'nesses tempos tenebrosos, em que os delictos de lesa-magestade eram punidos com penas taes, que o muito jesuitico e bajulador guardião do convento de Santo Antonio, dos degraus da forca erecta no campo de S. Domingos, augmentando cruelmente o supplicio de Tiradentes, disse « que assim mesmo tinha elle (o martyr) servido de objecto de *clemencia* da soberana, *que o não punia mais gravemente, e não menos da illuminada justiça* de seus ministros, que não lhe *aggravaram a pena!* » (2).

---

(1) Nascera a 6 de Junho de 1729 na villa do Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Mariana, e suicidou-se em sua prisão, em Villa Rica, a 4 de Julho de 1789.

(2) Os gryphos são meus.

Alvarenga revelára calor e enthusiasmo nos conventiculos, mas se rebaixou ao lançar toda a culpa a seus amigos e exprobrações a sua esposa, que praticára a nobilissima acção de evitar que em sua fronte de poeta laureado se estampasse o estigma de delator!

O vigario Carlos de Toledo era por demais credulo e leviano; Paula Freire — um irresoluto, um fraco, preso nas malhas da Inconfidencia, das quaes procurou sahir ajudado pelo fio da delação serodia, que teve logar, officialmente, a 17 de Maio de 1789. Todos os mais se fizeram conjurados pela dependencia, pelas relações de familia, por interesse, temor ou simples acaso.

Pag. 33.

Menezes, fanfarrão de aparvalhado estylo,

Alludo ao capitão general Luiz da Cunha Menezes — *O fanfarrão Minezio* — celebrado por Critillo nas *Cartas Chilenas.*

Pag. 37.

Na casa de Paula Freire

« Passava a casa do tenente-coronel Francisco de Paula, pelo seu bom gosto, como uma das me-

lhores de Villa Rica. Eram as paredes ornadas de numerosos quadros, sendo alguns de ricas molduras; luxuosos os trastes; cobertos de damasco amarello os assentos, e com prazer franqueava elle a seus amigos a sua livraria abastecida de boas obras » (1).

Era Villa Rica a mais opulenta capital de capitania brazileira no começo do seculo passado; provam o asserto os seus templos magestosos, entre os quaes cito as duas matrizes, o Carmo, S. Francisco de Assis, com sua bella fachada, Rosario e S. Francisco de Paula; a monumental cadeia « magnifico edificio onde pretende a deusa da justiça honrar o assento » (2); as pontes, aqueductos, viaductos, chafarizes, immensas muralhas, o palacio, a casa dos contos (que pertenceu ao contractador João Rodrigues de Macedo) e varios edificios publicos e particulares.

Quem quizer aquilatar a riqueza da capital mineira no 1.º quartel do seculo referido leia *O Triumpho Eucharistico*, memoria publicada em Março do anno passado no *Minas Geraes*, na qual o auctor descreve em estylo gongorico requin-

---

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 102.

(2) Poema *Villa Rica*, pag. 74.

tado a « *trasladação do Divinissimo Sacramento da egreja de Nossa Senhora do Rosario para a do Pilar.*

Pag. 42.

Pede um logar onde morra.

Na mais importante das conferencias realizadas em casa de Paula Freire, pedira Tiradentes para si a acção de maior risco, conforme declarou Maciel em seu 1.º interrogatorio.

Ibidem.

E a mão que borda um vestido,

Gonzaga estava bordando a oiro um vestido para sua noiva, como consta do interrogatorio que soffreu a 3 de Fevereiro de 1790 na fortaleza da Ilha das Cobras.

Pag. 43.

Um canto em meio da arenga,

Alludo ao bello e inflammado canto genethliaco composto por Alvarenga e offerecido ao capitão general d. Rodrigo José de Menezes.

Pag. 44.

Libertas quæ sera tamen !

Bellissima legenda proposta pelo referido poeta para as armas da projectada republica.

Pag. 50.

Liberdade, desponta formosa

Este hymno foi publicado n'*O Paiz* de 16 de Novembro de 1889 e posto em musica pelo maestro M. Garcia Vieira, que o offereceu ao governo provisorio da republica.

Pags. 55 e 56.

O Judas portuguez, germano de Ashavero.
....
Ainda beija os pés ao rude Barbacena !

Não foi Joaquim Silverio dos Reis o unico delator, foram-n'o tambem o tenente-coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, o mestre de campo Ignacio Correia Pamplona e outros. Celebrizou-se, porém, aquelle pela perversidade e requinte de infamia com que desempenhára seu negro mister. Fecha Silverio com esta chave mais que

vil a carta ou algaravia delatoria que dirigiu ao visconde de Barbacena a 11 de Abril de 1789:

« Meu Snr. mais Alguas Couzas tenho Colhido e vou continuando na mesma deligencia o q̃. tudo farey ver a V. Ex.ca Quando mede treminar.

« O Ceo, a iude e Ampare a V. Ex.ca p.a obom Exzito de tudo. *Beija os pés* a V. Ex.ca O mais Umilde cubdito Joaq.m Silverio dos Reys »!

Pag. 61.

O rebuçado ou o genio do futuro.

« Na noute de 17 para 18 de Maio, das 8 ás 9 horas, alguem, homem ou mulher, rebuçado, trazendo nm chapéo desabado á cabeça e carregado sobre os olhos, dirigiu-se á casa de alguns dos conjurados de Villa Rica e lhes aconselhou que queimassem os papeis, que pudessem compromettel-os, e fugissem, se não queriam ser presos » (1).

Pag. 64.

Claudio, meu Claudio! que na Italia ardente
Brilhaste com fulgor, prestando culto
A' doce musa de Petrarcha ingente,

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 248.

O Sr. Joaquim Norberto, esse incansavel excavador dos archivos patrios, em seu estudo consciencioso sobre Claudio, inserto á pag. 18 e seguintes do tomo L III da *Revista do Instituto Historico*, nega a viagem delle á Roma. Isto, porém, pouco importa aos versos citados, porquanto o poeta mineiro pertenceu á Arcadia Romana, que o distinguia, e compoz sonetos, cançonetas e cantatas na doce lingua do Alighieri; « não de todo sem exito », como o declara Friedrich Boutterweck.

Ibidem.

O Ribeirão do Carmo tem, occulto,
Thesouro que a Itamonte incandescente
....
Bebe onde Nize teu amor ateie ;

Quem ler a bellissima allegoria *Ribeirão do Carmo*, á pag. 124 do *Parnaso Brazileiro* de Mello Moraes Filho, dará valor aos versos supra.

O assumpto da allegoria ou fabula, como o do poema *Villa Rica*, é nacional e brazileiras são as tintas com que *Glauceste Saturnio* colóra suas imagens em estylo italo-portuguez.

Tanto me agradam as composições deste insigne poeta, cujo fado inditoso me commove e pe-

naliza devéras, que não me furto ao desejo de citar trechos de escriptores nacionaes e extrangeiros (dentre os quaes Camillo Castello Branco, que não morria de amores pelas lettras brazileiras) que lhe conferem a palma da victoria entre os eleitos das musas de aquem e além mar durante o seculo XVIII :

« Em sonetos nenhum poeta excedeu a Claudio Manoel da Costa. Não se arreceariam de certo Manoel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarcha, Boscan e Garcilaso de la Vega, de que lhes fossem attribuidos os sonetos de Claudio Manoel da Costa, tanto 'nelles se liga e harmoniza tudo : é o pensamento verdadeiramente poetico ; são as imagens pittorescas e apropriadas ; as phrases cadentes, sonoras e encadeadas com toda a perfeição ; é a rima harmoniosa, pura, limpida e tão completa que acaba natural e suavemente o verso, e fórma como que uma musica doce e sentimental, cuja toada deixa o espirito commovido, arrebatado o coração e a alma curvada sob a impressão duradoura de suas melodias.» (1)

« Claudio Manoel da Costa é sem a menor contestação um dos maiores e mais illustres poetas

---

(1) J. M. PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres do Brazil* (Citação da *Revista do Instituto*, pag. 183 do tomo L III.)

da America, e tem logar de honra entre os grandes e estimados do mundo.

No soneto, o poema trivialissimo, mas tão raro de perfeita execução, elle foi o emulo de Bocage, de Petrarcha e dos melhores poetas castelhanos.» (1)

« A nota predominante em nosso inconfidente, como poeta, é a melancholia; elle é da raça dos Lamartines. Seu verso é doce; seu lyrismo subjectivista. No soneto é talvez o primeiro escriptor da nossa lingua; tem mais verdade e naturalidade do que Bocage.» (2)

« Este poeta é um dos maiores lyristas da lingua portugueza, não sendo excedido no soneto por qualquer outro que tenha cultivado este genero de poesia.» (3)

« Por detraz do poeta, como um prolongamento sympathico de sua personalidade, assoma a figura do patriota, do inconfidente. A nacionalidade brazileira affirma-se 'nesse velho mentor dos poetas mineiros. O amigo de Gonzaga é, pelo menos,

(1) J. M. de Macedo — *Anno Biographico Brazileiro*, pag. 160.

(2) Sylvio Roméro — *Historia da Litteratura Brazileira*, pag. 269.

(3) Mello Moraes Filho — *Parnaso Brazileiro*, pag. 4 (Biographia geral).

um exemplo para todos os que amam este paiz, um exemplo como patriota e um exemplo como lyrista.» (1)

«Os sonetos de Claudio Manoel da Costa são petrarchistas e na contextura têm o sinete arcadio da escola de Garção. Será de mais equiparal-o ás explosões bocagianas; porém no respeitante a luzimento e selecção dos vocabulos, Bocage foi menos primoroso artista.» (2)

«Mui distincto logar obteve entre os poetas portuguezes desta epoca Claudio Manoel da Costa: o Brazil o deve contar seu primeiro poeta (em antiguidade) e Portugal um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalizou, no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modelo.» (3)

«Todavia o estylo de Claudio da Costa, escoimado de ornamentos phantasiosos ou de exag-

(1) SYLVIO ROMÉRO, *ibidem*, pag. 273.

(2) CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Revista do Instituto*, tomo citado, pag. 184.

(3) ALMEIDA GARRETT — *Retrato de Venus*, pag. 208 (Bosquejo da Historia da Poesia, etc.)

gerações, pinta o verdadeiro, unindo com rara felicidade a natureza e a poesia, com a mesma intensidade do sentimento de Petrarcha e em linguagem tão elegante e simples que podem ser contados os seus sonetos entre os melhores da litteratura portugueza.» (1)

Finalizando esta nota sobre o merecimento litterario de Claudio, transcrevo o seguinte trecho devido a habil penna do dr. J. A. Teixeira de Mello, mimoso poeta, historiador e bibliographo, collocado em seu verdadeiro lugar entre os maiores lyristas brazileiros da segunda metade do seculo vigente pelo insigne mestre Sylvio Roméro, e que hoje, por feliz inspiração do governo da republica, dirige a Bibliotheca Nacional:

« Apesar de mais musical do que a nossa a lingua italiana, e, portanto, mais apropriada para a poesia lyrica, os sonetos de Claudio Manoel são superiores aos de Petrarcha no melodioso do verso, no torneado da phrase, na riqueza e variedade da rima. Competem alguns delles com os de Bocage.» (2)

---

(1) FRIEDRICH BOUTTERWECK — *Revista do Instituto*, tomo citado, pag. 182.

(2) *Ibidem*, pag. 43.

Pag. 65.

A propria Venus soterrada em Milo, (1)
Da Arcadia Ultramarina deixa a sède

As pacientes investigações do Sr. Joaquim Norberto me convenceram de que a celebre Arcadia Ultramarina só existiu na imaginação dos poetas da escola mineira. Se assim foi, não é de mais que eu considere sua séde Villa Rica, onde pastoreavam Glauceste Saturnio, Dirceu, Alceu, Critillo, Dorotheu, etc., e suas nimphas.

Ibidem.

Vae á Gruta del-Rei pousar tranquillo,

Alludo a uma curiosa gruta situada no municipio de S. José del-Rei (Tiradentes), proxima á cidade de S. João, antiga comarca do Rio das Mortes, na qual se vêm diversos compartimentos, como sejam salas, salões e corredores, decorados por concreções calcareas em fórma de columnas mais ou menos regulares. (Stalactites e stalagmites).

---

(1) Descoberta na ilha de Milo em 1820.

Pag. 65.

Que a princeza gentil do valle trouxe,

Antonomasia innocente da formosa filha de Alvarenga Peixoto, Maria Ephigenia, que bem serviu para aggravar a sorte do infeliz poeta.

Pag. 66.

Merece tibias quebradas,
Mil mortes deve morrer :

Os supplicios de que foram victimas os implicados na conjuração dos Tavoras dão idéa das penas comminadas pela barbara legislação penal do reino contra os delictos de lesa-magestade.

Ibidem.

Onde os castellos roqueiros,
As cathedraes, os mosteiros,
....
Onde embaixadas portentos,
Onde os reaes casamentos,

« Dava o rey uma batalha
« Deus lhe acudia do céo ;
« Quantas terras que ganhava,

« Dava ao senhor que lhas deo,
« E só em fazer mosteyros
« Gastava muito do seo. » (1)

Disse Oliveira Martins a respeito da famosa embaixada que el-rei d. Manoel mandára á Roma:

« A embaixada, confiada a Tristão da Cunha, partiu de Lisboa em Janeiro de 1514 e foi recebida em Roma em Março. Era uma procissão magnifica, e o fasto espectaculoso do rei portuguez conseguiu deslumbrar essa côrte de Leão X onde se reuniam os primores da civilisação da Europa. » (2)

« O senhor rei d. João II fez um pedido ao reino para o casamento de seu filho o principe d. Affonso, e esta foi uma acção daquelle rei que deslustra muito sua memoria; e como o pedido foi excessivo, e os povos não deviam essa contribuição, porque só são obrigados ao casamento das filhas dos reis, e não dos filhos, se attribuiu á iniquidade deste tributo o successo funesto que teve aquelle casamento ». (3)

---

(1) GONÇALVES DIAS — *Sextilhas de frei Antão.*

(2) *Historia de Portugal*—tomo II, pag. 6.

(3) Conselheiro ultramarino ANTONIO RODRIGUES DA COSTA, trecho citado á pag. 29 da *Historia da Conjuração Mineira.*

Pag. 67.

A joia que o reino junca

De 1700 a 1820 (conforme se vê da nota inserta á pg. 81 d'*O Brazil e as Colonias* de Oliveira Martins) extrahiram-se na capitania de Minas-Geraes 35.687 arrobas de ouro, ou sejam......... 1.415.414:939$040 ! ao cambio actual de 9 1/8 dinheiros por mil réis. Addicionem a esta somma a importancia correspondente ao diamante explorado até 1822, cuja lavra era estanco regio, que calcúlo em mais de um milhão de quilates (1) e vejam se Minas-Geraes era ou não a joia de mais valor da coroa portugueza.

Representando o quinto do ouro 20 °/₀ sobre a quantidade extrahida, segue-se que este imposto subiu na época acima considerada a 7137,4 arrobas, ou sejam 283.082:987$808, ao mesmo cambio de 9 1/8 dinheiros por mil réis, durante o qual a gramma do precioso metal tem obtido o preço medio de 2$700 rs.

Consulte-se a respeito dos terrenos diamantinos a interessante monographia do dr. Joaquim Felicio dos Santos, publicada em 1868.

(1) A quanto não subiriam o ouro e diamantes contrabandeados ?

Pag. 69.

Na triste cadeia velha

'Nesse edificio dos tempos coloniaes, hoje completamente transformado, funcciona a camara dos deputados federaes.

Pag. 70.

Já na masmorra Glauceste,

Muito se tem escripto e falado sobre o suicidio ou morte de Claudio Manoel, sem se chegar a uma conclusão definitiva. Eu subscrevo o que diz Charles Ribeyrolles á pg. 19 do *Brazil Pittoresco*, porque não estou convencido do assassinato do inditoso bardo mineiro por mandatarios do visconde de Barbacena :

« Claudio le poéte était un de ces délicats, un de ces penseurs fiers, mais tendres, qui n'aiment point le bruit. Ils redoutent la gloire sauvage des échafauds, et quand ils le peuvent, ils s'arrangent de leur mieux pour mourir, loin des foules. Condorcet fit, plus tard, comme Claudio ».

Pag. 70.

E sete, feitos em postas,

São :

Joaquim José da Silva Xavier, Francisco de Paula, Alvares Maciel, Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu, Francisco Antonio e Luiz Vaz de Toledo Pisa.

Pag. 72.

Tenho minh'alma embebida

« Causava admiração a constancia do réo, e muito mais a viva devoção que tinha aos grandes mysterios da Trindade e da Encarnação ; de sorte que, falando-se-lhe nestes mysterios, se lhe divizavam as faces abrazadas e as expressões eram cheias de uncção ; o que fez que o seu director não lhe dissesse mais nada senão repetir com elle o symbolo de S. Athanasio. O valor, a intrepidez e a pressa com que caminhava, *os soliloquios que fazia com o crucifixo,* que nas mãos levava, encheram de extrema consolação aos que lhe assistiam ». (1)

---

(1) *Ultimos Momentos dos Inconfidentes—Gazeta de Noticias* de 21 de Abril de 1890.

Pag. 72.

«*Ora eu morrer enforcado!*»...

Phrase de Vidal de Barbosa, pronunciada após a leitura de sua sentença, e que tinha fundamento no facto de haver elle ouvido o juiz da alçada dizer ao governador da fortaleza da Ilha das Cobras, atravéz de pequena abertura que fizera na parede do seu carcere, que apenas um ou dois seriam enforcados.

Pag. 73.

Nicolau, emquanto, emquanto

Esse generoso, heroico e dedicado negro, esse diamante preto, na bella phrase de A. D. de Pascual, acompanhára seu velho senhor á prisão, ajudára-lhe a supportar o peso das ferreas cadeias, estava resolvido a morrer com elle na força e cerrou-lhe os olhos nas terras do exiilio, «*'nesse ninho seu paterno*» de onde a cobiça e a crueza dos brancos o haviam roubado ás doçuras da liberdade, arrochando-lhe os pulsos com as algemas da escravidão! Que exemplo de ternura, de dedicação e altruismo não deu esse africano sublime a muito europeu duro, ingrato e egoista! Merece

tambem os encomios da posteridade o fiel pardo Alexandre, escravo do padre José da Silva de Oliveira Rolim.

Pag. 74.

Vale a vida, porventura,

Rezende filho, como o ardente Maciel, aguardava com resignação e dignidade a hora do tremendo sacrificio.

Ibidem.

Supporta, amigo, a desgraça.

Exhortação de Maciel a Francisco Antonio «cujo olhar errante e espavorido percorria um a um os seus companheiros de infortunio» (1).

Pag. 81.

Que o brigadeiro, por demais garrido,

Refiro-me ao commandante das armas Pedro Alvares de Andrade.

(1) *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 401.

Pag. 81.

Rôla na salva de um irmão da bolsa,

«Foi tal a compaixão do povo pela infelicidade temporal do réo que para apressarem a eterna offereceram voluntariamente esmola para se dizer missas por sua alma, e na mesma passagem tirou o irmão da bolsa cinco doblas» (1).

Ibidem.

Com apparatos se redobre a pena

«*Nunca se viu tanta clemencia!*» bradou o *piedoso* frei Raymundo de Penaforte; *nunca se vio tamanha atrocidade!* bradamos nós, os republicanos do seculo dezenove. Voltemos ao passado e acompanhemos os festejos deslumbrantes que se fizeram na capital do vice-reino por occasião do supplicio de Tiradentes:

«Soaram com alegria os instrumentos bellicos; de seus quarteis marcharam os regimentos, que guarneciam esta praça, com os seus respectivos

---

(1) *Ultimos Momentos dos Inconfidentes.*

uniformes maiores e foram postar-se nos logares determinados. O regimento de Moura bordava toda a rua da Cadeia de uma e outra banda, continuava o regimento de artilharia até o largo da barreira de Santo Antonio, chamado o campo da Lampadosa; avulsas patrulhas demandavam continuadamente éste largo, afastando o indizivel concurso do povo, que cada vez mais se apinhava. Os demais regimentos estavam postados em figura triangular, deixando uma praça vasia, na qual estava a forca elevadissima, de sorte que a escada, por onde se subiria a ella, tinha mais de vinte degraus, e as columnas dos regimentos reforçaram-se ao depois das outras, que bordavam a dita rua e marcharam na retaguarda de todo o acompanhamento, que seguia o réo. Dava a tropa as costas ao patibulo; as cartucheiras estavam providas de polvora e bala.

Commandava este campo o brigadeiro Pedro Alvares de Andrade, que tinha dado o risco desta postura em ordem aos respectivos chefes do regimento. Em soberbo e bem ajaezado cavallo o brigadeiro percorreu todo o campo, observando o alinhamento da tropa. Ao lado do brigadeiro ricamente montado ia d. Luiz de Castro Benedicto como ajudante das ordens do exmo. vice-rei, seu pae; a sua guarda de respeito era de dois soldados de cavallaria e dois sargentos-móres, egualmente

bem montados, acompanhavam o ajudante de ordens para as expedições, que fossem necessarias» (1).....

«As janellas das casas estão vindo abaixo de tanto mulherio; cada uma apostava com a outra o melhor asseio» (2).

Pag. 82.

Da praça em meio ao cadafalso erguido,

«No dia 21 de Abril, no meio dos festejos *officiaes*, e escandalosamente impostos, e ao jubiloso repique dos sinos, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, subiu á forca e morreu com profunda contricção religiosa e com inabalavel coragem.

A força foi para elle um monumento.

O homem quasi obscuro entre os grandes homens da conjuração mineira foi pela propria iniquidade da sentença elevado acima de todos elles.

A forca mostrou-se tão alta que apresentou *Tiradentes* á posteridade.» (3)

---

(1) *Ultimos Momentos dos Inconfidentes.*

(2) *Ibidem.*

(3) J. M. MACEDO — *Anno Biographico*, pags. 500 e 501.

Pag. 82.

Corta, posteja ! que a tarefa ingloria
Quer a justiça que se acabe assim :

Eis a sentença da alçada, de triste e execranda memoria :

«Portanto condemnão ao Réo Joaquim José da Silva Xávier, por alcunha o Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da Capitania de Minas aque com baraço e pregação, seja conduzido pellas ruas publicas ao Lugar da forca, enella morra morte natural para sempre, eque depois de morto lhe seja cortada a cabeça elevada a Villa Rica, aonde em lugar mais publico della será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma, eoseo corpo será *divido* (*textual*, nota da redacção do *Archivo do Districto Federal*, de onde transcrevo esta peça sesquipedal da justiça lusitana) em quatro quartos, epregados em partes pelo caminho de Minas no sitio da varginha e das Cebolas aonde o Réo teve as suas infames praticas, eos mais nos sitios de Maiores povoações, até que o tempo tãobem os consuma; declarão o Réo infame, eseus filhos enetos tendoos, eos Seus bens applicão para o Fisco ecamera Real, eacàsa em que vivia em Villa Rica será arrazada e salgada,

para que nunca mais no chão se edifique, enão sendo propria será avaliada epaga aseo dono pellos bens Confiscados, eno mesmo chão se levantará um padrão pello qual se conserve em memoria a infamia deste abominavel Réo » ! ! !

Pag. 82.

Heróe ! já luzes na brazilia historia !
Judas ! começa teu errar sem fim !

Tiradentes ha sido glorificado pela patria que, dia a dia, lhe honra, exalta e dignifica a memoria. Silverio, o Caim, esse Judas maldicto, que só a 28 de Janeiro de 1809 poude obter o premio da horrenda perfidia, curvado pelo peso cyclopico de seu crime execrando, lá foi morrer ao Maranhão, onde repudiou o appellido, como havia repudiado seus companheiros da Inconfidencia.

Em artigo transcripto pel'*O Movimento* de 21 de Abril de 1889, publicado em S. Borja, cidade missioneira de onde partira o alarme contra o reinado de Izabel, disse meu pae, esse ex-liberal, republicano historico e abolicionista, que laborára na imprensa, já nas officinas do *Jornal do Commercio*, já em Pernambuco na folha dos rebeldes de 48, já no celebre *Itamontano*, de Ouro Preto, e

cujos trabalhos dispersos pelas columnas de varios periodicos do Brazil hei de, se Deus me ajudar, colligir em tempo:

«*Tributar homenagem á memoria dos grandes patriotas é mais do que uma simples cortezia...... é um dever sagrado.*

Ha noventa e seis annos rolava uma cabeça no cadafalso! Rolava a cabeça do Tiradentes, o martyr da liberdade patria, victima dos tyrannetes de outr'ora e do canibalismo dos aulicos.

.... Cobardia!

— Onde pairam os preciosos restos do campeão da liberdade?... Na valla commum......

Vergonha!

E a memoria do grande martyr passou e desappareceu como passam e desapparecem as nuvens açoutadas pelo nordeste em noutes de inverno!

Nenhum monumento (ainda que modesto) lhe foi erigido até hoje, que lhe perpetue a memoria: ingratidão!»

Tempora mutantur, meu pae!

Hoje, na principal praça de Ouro Preto, Tiradentes offerece o dorso ao palacio — fortaleza, antiga residencia dos ferozes e rapaces governadores, e

encara de frente a estatua da Justiça, erecta em um dos angulos da monumental cadeia.

Verdade é que ainda pompeia no centro do largo, cujo pó lhe bebera o sangue impolluto, essa «bronzea mentira», que se não fundiu á rubra aurora de Quinze de Novembro de 1889!



INDICE

